



Lambeth Indaba

*Conversas Captadas e Reflexões da Conferência de Lambeth
2008*

Preparando Bispos para Missão e Fortalecendo a Identidade
Anglicana

Tradução: William Steinmetz e Eliana Maki Ono – DASP

Revisão: Thiago Correia de Andrade - DAB

Reflexões do Grupo Lambeth Indaba2008

Captando as conversas e reflexões da Conferência de Lambeth 2008: Preparando Bispos para missão e fortalecendo a identidade Anglicana.

Louve o Senhor, Oh minha Alma, e tudo o que está dentro de mim, louve seu Santo Nome.

Louve o Senhor, Oh minha Alma, e não esqueça todos os seus benefícios.

Os Grupos de reflexões tiveram o privilégio de servir a Conferência de Lambeth com suas aptidões como Ouvintes dentro e para seus Indaba. Conversas cara-a-cara, frequentemente trocando conflitantes e desafiantes pontos de vista, conduziram para o entendimento profundo e novas percepções. A tarefa dos Ouvintes era de captar o espírito destes encontros.

Este documento não é o resultado principal desta Conferência. Palavras escritas nunca conseguem descrever adequadamente a troca de experiências dos momentos em que passamos juntos. Ganhamos uma profunda compreensão da Comunhão Anglicana mundial e do nosso chamado comum como discípulos de Cristo.

Cada ouvinte tentou refletir, em oração, as conversas que tinham tido nos dezesseis grupos "Indaba", atentos ao comando dado de ser fiel ao evangelho, ao processo "Indaba", a união dos bispos na Conferência de Lambeth e a Comunhão Anglicana.

Este documento é uma narrativa. Ele procura descrever nossa experiência vivida e as discussões abertas e honestas que tivemos nos temas diários da conferência. Reconhecemos que a mais forte narrativa que acompanhou-nos no retorno às nossas dioceses é a da transformação que aconteceu em nossas vidas através da renovação de nossa fé em Jesus. Amizades formadas, dor e ruptura experimentadas, gestos de generosidade, e testemunhos daqueles que vivem o evangelho diariamente em dispendiosos atos de discipulados permanecem gravados em nossos corações.

O "Indaba" deve continuar em nossas vidas, em nossa diocese e em nossas comunidades, enquanto continuamos com o processo de discussão com propósitos. Este documento pode ser usado como uma forma de anunciar as boas novas de Jesus Cristo e fortalecer nossa vida em comum na Comunhão Anglicana.

Sou muito grato ao grupo de Ouvintes e ao Rev. Canon Gregory Cameron e à Sra. Katrina Stevens que trabalharam arduamente, modelando em várias horas de trabalho, o espírito do "Indaba". Agradecemos os bispos que participaram nos seus "Indaba" e na audiência de suas sabedorias e comentários, que valorizaram o documento de Reflexões.

Nossa súplica é que Deus possa ensinar-nos a continuar nosso "Indaba" com reverência, para seguir adiante na obediência, para terminar nossas conversas com amor, e então esperar pacientemente na esperança, buscando alegremente a Jesus Cristo, nosso Senhor, cujas promessas são fiéis e cujas recompensas infinitas.

Roger Herft

Arcebispo de Perth e Metropolitano da Austrália Ocidental

Presidente, Grupo de Reflexões

3 de Agosto de 2008

Lambeth Indaba

Conversas Captadas e Reflexões da Conferência de Lambeth 2008

Preparando Bispos para Missão e Fortalecendo a Identidade Anglicana

Grupos de Reflexões, Conferência de Lambeth, 2008

Parágrafo A: Introdução

Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou em Cristo com toda bênção espiritual. Nele, quando vocês ouviram a Palavra da Verdade, o Evangelho da salvação, foi selado com o Espírito Santo, para o alcance de sua glória[1].

Saudações aos cristãos de todos os lugares e aos povos de boa vontade, ambos nas igrejas da Comunhão Anglicana, e aos nossos parceiros ecumênicos! A vós a graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo! [2]

1. Nós, os bispos da Comunhão Anglicana estivemos reunidos aqui em Canterbury, nos preparamos para retornar às nossas dioceses e igrejas, gostaríamos de expressar nossa gratidão ao Arcebispo de Canterbury e à sua equipe no Palácio de Lambeth, ao Grupo de Planejamento de Lambeth, e à Secretaria Geral e à equipe do Escritório da Comunhão Anglicana por tudo aquilo que fizeram em conjunto para possibilitar que esta décima quarta Conferência de Lambeth acontecesse.

2. O Arcebispo de Cantuária convidou-nos para uma reunião de 16 de julho a 3 de Agosto de 2008 em Cantuária com a finalidade de discutirmos dois temas: "Preparando Bispos para Missão", e "Fortalecendo a Identidade Anglicana". Reunimo-nos em um momento delicado na vida da Comunhão. Reconhecendo isto, o Arcebispo de Cantuária escreveu em seu convite para levarmos a aceitação e uma disposição para trabalhar o Relatório Windsor e o Pacto anglicano, ferramentas com as quais o futuro da Comunhão possa ser moldado. [3] Bem no início, entretanto, o Arcebispo de Cantuária nos indicou que, embora teríamos que dar atenção às tensões que nos agridem, a amplitude da vida da Comunhão é mais extensa e mais rica que estes assuntos isolados. Convidou-nos a refletir com ele em como nós bispos poderíamos estar melhores preparados para missão e as formas como poderíamos fortalecer nossa identidade Anglicana como resposta fiel ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

3. O tempo em que estivemos juntos demonstrou-nos a dimensão e riqueza da Comunhão. Foi um privilégio estarmos aqui reunidos, representar nossas dioceses e crescer em respeito e afeição uns pelos outros. Apesar das muitas diferenças estávamos profundamente conectados uns com outros e comprometidos com a missão de Deus. Muitos de nós experimentamos realmente um profundo companheirismo em nossos Grupos de Estudos Bíblicos e nos comovemos, em alguns momentos com lágrimas, com as histórias que nossos irmãos e irmãs contaram sobre a vida de suas igrejas, suas comunidades e seus próprios testemunhos. Muitos bispos, especialmente aqueles que participavam pela primeira vez da Conferência de Lambeth, puderam entender as preciosidades que temos na Comunhão Anglicana e também, o que significa ser anglicano. Houve um maravilhoso espírito de diálogo e gostaríamos que continuasse, da melhor forma possível, após a Conferência - "o Indaba tem que continuar", como expressou um grupo. Muitos de nós descobrimos mais intensamente porque necessitamos uns dos outros e a alegria de estarmos comprometido uns com os outros. Num momento em que muitos em nossa sociedade globalizada estão buscando exatamente uma espécie de comunidade internacional que já temos, estaríamos sendo insensatos em deixar tal dádiva desintegrar.

4. Sentimos a falta de nossos companheiros bispos que não puderam vir, seja por motivo de doenças ou pela dificuldade de viajar ou por outras razões ou pressões. Lamentamos profundamente a ausência daqueles que, por convicção, não se sentiram capazes de aceitar o convite do Arcebispo de Cantuária para nosso encontro. Sentimos a falta de suas presenças, seus

companheirismos e suas sabedorias e asseguramos-lhe nossas ininterruptas orações e amor. Fomos informados que alguns dos nossos bispos companheiros que se encontraram em Jerusalém no mês passado não estariam presentes na Conferência de Lambeth. Perdemos com a ausência deles. Procuraremos maneiras para que eles possam ser atraídos para nossas deliberações e mantidos em Comunhão. Nossa preocupação agora é de reconstruir pontes, buscar oportunidades para compartilhar com eles a experiência que tivemos em Cantuária e encontrar maneiras de seguirmos em frente, juntos, no testemunho do Senhor Jesus Cristo. Ao mesmo tempo estamos cientes das orações das pessoas da Comunhão e entre nossos parceiros ecumênicos, que apoiaram nossa vida em Lambeth.

5. Agradecemos a presença de mais de setenta bispos em comunhão e participantes ecumênicos, que se juntaram a nós. Representantes eram bem vindos de todas as partes da Casa de Deus, de Igrejas do Oriente e do Ocidente. Como anglicanos, nos alegamos com o companheirismo de nossos irmãos e irmãs em Cristo, e acolhemos as oportunidades de escutar suas perspectivas e sabedoria em nossas deliberações.

6. Desejamos expressar nossa gratidão pela generosa hospitalidade dos bispos da Igreja da Inglaterra, da Igreja de Gales, da Igreja Episcopal da Escócia e da Igreja da Irlanda para com os bispos de toda a Comunhão no período que antecedeu a Conferência. Fizeram com que nos sentíssemos em casa e fizeram o possível para que enriquecêssemos a Comunhão em que participamos mesmo antes de chegarmos a Cantuária. Somos gratos também pela oportunidade de vivenciar a vida das Igrejas nas Ilhas Britânicas e Irlanda e pelo privilégio de pregar e presidir entre nossas irmãs e irmãos.

7. Agradecemos pela Conferência na qual nossas esposas participaram ao longo das três semanas, onde elas viveram e oraram paralelamente a nossa conferência, estudos e deliberações.

8. Além disso, a equipe de trabalho da Conferência, fomos especialmente atendidos pelas centenas de voluntários, auxiliares e outros participantes que fizeram-nos sentir bem vindos e pelo tempo e energia que gastaram para assegurar nossa segurança e conforto durante nossa estadia na Universidade de Kent, Cantuária, e pelo trabalho da equipe de capelania, cujo silencioso ministério possibilitou e manteve nosso louvor durante a Conferência[4].

9. Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos ao Deão e Capelão da Catedral de Cantuária e a toda comunidade desta catedral pela forma com que nos receberam na igreja mãe da Comunhão Anglicana.

10. Conforme convém, iniciamos nossa reunião em oração e reflexão, em um retiro de três dias, guiados pelo Arcebispo de Cantuária. Um retiro que aconteceu nos antigos recintos da catedral. Apreciamos muito esta nova maneira de começar nosso encontro: a possibilidade de começar com um período de silêncio na presença de Deus, nos permitiu aproximarmo-nos Dele de uma maneira na qual fortalecemos nossa própria Comunhão, através Dele, uns com os outros. Fazendo um apelo, baseado principalmente nas passagens das cartas de Paulo, o Arcebispo de Cantuária convidou os bispos a refletirem sobre o que significou para eles ser uma pessoa em quem Deus revelou Jesus. [5] Mais especificamente, ele encorajou-nos a refletir em como o bispo revela o Cristo que une: isto significa que para o bispo ser um sinal da unidade ele deve constantemente modelar e incentivar mutuamente a doação de si, assim a comunidade se reunirá para revelar Jesus, em seus louvores e seus testemunhos. Durante o período de retiro houve oportunidade para o silêncio, para construir amizades e para as pessoas rezarem juntas em pequenos grupos, na esperança que isto possa estabelecer alguns profundos alicerces para futuros encontros durante a Conferência.

11. Encontramo-nos em uma atmosfera de oração e súplicas[6]. Enquanto nos dirigíamos do retiro, levávamos em consideração o trabalho que teríamos pela frente, nos reunimos para a Eucaristia de abertura da Conferência na Catedral de Cantuária. Foi uma linda expressão de nossa diversidade cultural Anglicana, não somente na canção e dança dos nossos irmãos e irmãs da Melanésia, mas na maneira como o Evangelário foi conduzido na Catedral, e no uso de muitas

línguas. O Arcebispo de Cantuária presidiu da Cadeira de Santo Agostinho e o sermão foi pregado pelo Bispo de Colombo de Sri Lanka.

12. O louvor foi, naturalmente, o momento mais importante de nossa reunião. Partilhamos da Eucaristia todas as manhãs e todas as tardes nas Orações Vespertinas, incorporando cada dia liturgias e materiais musicais de diferentes Províncias, com o louvor dirigido em várias línguas pelos representantes das Províncias. Além disso, no centro do campus tinha um "Lugar de Oração", organizado pela equipe de capelania. Orações Matutina e Vespertina eram celebradas neste local todos os dias e muitos de nós encontramos lá um lugar tranquilo para estarmos na presença de Deus. A equipe de capelania e a equipe de músicos ajudaram-nos a fazer do louvor a abertura de cada dia e a alegria na qual compartilhar.

13. Em seu discurso presidencial, o Arcebispo Rowan colocou esta décima quarta Conferência de Lambeth no contexto do encontro anterior e instigou os bispos presentes à máxima participação possível em cada aspecto da agenda. Ele solicitou relacionamentos transformadores, que vão além dos sentimentos calorosos uns pelos outros, mas ter "novos hábitos de respeito, paciência e compreensão que se realizam de formas específicas e mudanças de hábitos". Ele observou a fragilidade no entendimento de nossa vida juntos simplesmente como uma federação de igrejas provinciais e ao mesmo tempo reconhecendo os perigos perceptíveis em uma Comunhão centralizada e homogênea que nos tornaria uma igreja confessional contrária à nossa identidade histórica. O encorajamento do Arcebispo é de que um meio termo entre estes extremos seja adotado no generoso pacto anglicano. "Seja qual for a percepção atual, nossas opções não são rupturas irreparáveis ou assimilações forçadas."

14. Esta conferência tomou uma nova forma - a forma do *Indaba* – baseada em um ideal africano de discussão com propósito no consenso comum de nossa vida compartilhada. É um processo e um método de compromisso enquanto escutam-nos uns aos outros. Um *Indaba* reconhece primeiro e principalmente que há questões que precisam ser abordados efetivamente para promover nossa vida em comunidade. Ele capacita cada bispo a se envolver e falar o que pensa e não privilegiar o eloquente ou o poderoso. Cada aspecto da conferência foi uma declaração do *Indaba*, expressada através de nossos louvores e estudos bíblicos, sessões selecionadas, audiências, plenárias e discursos, escutando e refletindo, e mesmo nas conversas nas filas das refeições. Acima de tudo, trabalhamos juntos nos temas da Conferência focados nas sessões *Indaba*, onde passamos duas horas de cada dia em conversas com propósito que convidava-nos a encontrar a realidade de cada ministério e as preocupações de cada um. Este encontro pessoal foi um dos mais encorajadores, envolventes - em alguns momentos frustrantes - aspectos da Conferência.

15. O Estudo Bíblico foi a parte mais enriquecedora da Conferência. Nestes momentos, nos reuníamos em pequenos grupos de aproximadamente oito bispos ao redor das sagradas escrituras para estudar o Evangelho segundo São João. Orávamos; líamos o texto; considerávamos como se o Senhor Deus estivesse falando conosco através das palavras de São João em nosso contexto atual. Tomamos conhecimento das graças e lutas que cada bispo experimentou ao tentar viver os votos que assumiram na ordenação ao episcopado. Estes momentos reunidos ao redor das escrituras foram a força revigorante da Conferência e serão a base do compromisso assumido uns com os outros. Certamente há diferentes interpretações das escrituras, e podemos considerá-las dentro dos propósitos dos grupos de estudos. Foi neste momento que experimentamos a morte de nossos interesses pessoais, e a possibilidade do Espírito de Deus trazendo nova vida. Foi neste momento que "a pedra começou a rolar". Os estudos bíblicos ofereceram à Conferência de Lambeth a possibilidade de situar cada participante sob a autoridade da escritura e possibilitando-nos viajar com o Evangelho de João, seguindo uma característica particular do próprio evangelho, os dizeres "Eu sou", chamando a atenção para o detalhe do texto, seja histórico, literário, ou temático, oferecendo oportunidades aos participantes de colocar seus contextos e preocupações pessoais junto à escritura; situando o Evangelho segundo João dentro de um contexto maior do cânone bíblico, e deixando o processo do estudo bíblico nas mãos de um bispo que serviria o grupo, facilitando a formação de um lugar sagrado e seguro para um compromisso reverente e respeitoso entre os

participantes.

16. Preparar os bispos para missão estava presente em cada aspecto da Conferência, em tudo que fizemos, e na experiência de estarmos juntos com nossos pares por um período de tempo que foi uma experiência profundamente enriquecedora e renovadora, e um grande privilégio. Enriquecemo-nos com as apresentações de notáveis oradores e fomos desafiados enquanto olhávamos para o evangelismo, a justiça social, a ecologia, e o pacto nas escrituras hebraicas; e na riqueza das sessões de escolha livre, os bispos foram capazes de considerar temas tão diversificados como micro finanças e dioceses missionárias, crianças, e jovens, mudança climática, classes sociais e apartheid, escolas de igrejas e a cura das memórias, ensino a distância e manutenção da forma física. Os grupos Indaba nos deram a oportunidade de trabalhar juntos, e de compartilhar nossas histórias, pensamentos e idéias. De várias maneiras, o contexto molda nossa percepção do ministério e aprendemos das experiências dos outros enquanto discutimos e ouvimos juntos - bispos do Ártico ao Equador, das regiões montanhosas às Ilhas do Pacífico, de pobres vilarejos a ricas cidades, desde dioceses centenárias as recém formadas. Se trouxemos nossas dioceses conosco, levamos de volta uma rica experiência da Igreja Universal.

17. Fomos mudados por este processo, e ao chegarmos ao final deste Indaba em Cantuária, temos que considerar o que ficou registrado de nossas conversas e que podemos levar conosco. Desde o início, cada grupo Indaba foi convidado a nomear três pessoas as quais uma seria escolhida pelo Grupo de Planejamento de Lambeth para ser o ouvinte e representante nos Grupos de Reflexões[7]. Os ouvintes escolhidos representaram, na medida do possível, a natureza diversa da Comunhão Anglicana. As conversas em cada grupo Indaba foram registradas pelos relatores. Este relatório teve a aprovação do animador e do grupo, e é este material que formou os primeiros documentos para o trabalho do Grupo de Reflexão. O grupo buscou captar o espírito de nossas conversas neste documento. Não é um conjunto de relatórios tradicionais adotados pela conferência, mas uma tentativa de resumir as conversas dos bispos. Representa um esboço de um encontro que nos mudou e enriqueceu nossa compreensão de nossa Comunhão. É o começo de uma conversa, Indaba, em que toda a Comunhão Anglicana está convidada a participar.

18. Ao elaborar este "Documento de Conversas e Reflexões" o Grupo de Reflexões buscou desenvolver um documento que seja:

- a. **fiel ao Evangelho.** Nossas conversas não têm sentido se não promovam o Reino de Deus, e reflitam as Boas Novas de Jesus Cristo, oferecendo uma mensagem de esperança e fidelidade para o mundo. O Senhor Jesus é o centro de nossa vida em comum, e nos reunimos para discernir juntos sua vontade para a Igreja. Foi uma profunda sensação do Espírito Santo movendo-se entre nós.
- b. **fiel ao processo.** No Indaba tínhamos que estar cientes dos desafios para vida em comunhão sem tentar resolvê-los imediatamente. Tínhamos que nos encontrar e conversar, assegurando que todos tivessem voz, a fim de encontrarmos as convergências profundas que possam nos manter unidos.
- c. **fiel aos bispos e suas realidades.** É importante, portanto, que este documento seja um que reflita as conversas de todos os bispos reunidos para a Conferência de Lambeth. Deve buscar honrar a participação e contribuição de cada bispo, e ser escrito em um processo que seja fiel à realidade em que ministramos.
- d. **fiel à Comunhão.** Estamos profundamente conscientes que a Comunhão Anglicana encontra-se em um ponto importante de sua vida. Este documento deve ser suficientemente íntegro para descrever realística e honestamente a compreensão dos bispos da Comunhão aonde nossa vida em comum chegou, bem como nossas resoluções para o futuro.

Referências

Primeiro Discurso Presidencial do Arcebispo de Canterbury: http://www.archbishopofcanterbury.org/media/pdf/n/0/Lambeth_20opening_20address.pdf

Segundo Discurso Presidencial: <http://www.archbishopofcanterbury.org/1916>

Terceiro Discurso Presidencial : <http://www.archbishopofcanterbury.org/1925>

Os discursos anteriores foram publicados em “*God’s Mission and a Bishop’s Discipleship*”(A Missão de Deus e Discipulado de um Bispo) , publicado pela Conferência de Lambeth, 2008.

Preparando os Bispos para a Missão de Deus

19. Ao considerar a natureza de nosso chamado em Cristo, demos atenção durante a conferência para a questão do evangelismo cristão e missão. Missão é a total ação de Deus em Cristo pelo poder do Espírito Santo - criando, redimindo, santificando - pelo bem do mundo inteiro. Evangelismo é dar voz à verdade de Cristo como Senhor de todas as pessoas. Estes dois conceitos são algumas vezes unidos sob o termo "evangelização", a orientação de toda sociedade em direção aos imperativos do Evangelho, o *evangelium*, mas no pensamento anglicano, a distinção tende a ser mantida, para dar ênfase à resposta pessoal de fé evocada pela proclamação da salvação pessoal encontrada em Cristo.

20. No entanto, queremos reconhecer as importantes dimensões da missão, como Deus estendendo a mão à criação, desafiando nossas estruturas como também nossas almas, nossa comunidade como também nossas Igrejas[8]. Depois de considerar a natureza da missão e evangelismo, nos voltamos em direção a uma consideração às amplas exigências do Evangelho-orientados na justiça social e humana e no cuidado da criação de Deus. Finalmente, neste parágrafo reconhecemos o contexto da Missão Anglicana - nos propósitos de Deus na mais ampla *oikumene*, e nas relações com as outras maiores crenças do mundo.

Parágrafo B: Missão e Evangelismo

21. Em Cristo Jesus, Deus revelou a si mesmo como o Senhor da Criação, rico em compaixão e misericórdia[9]. Este mesmo Filho que foi enviado ao mundo pelo Pai, enviou por sua vez seus discípulos, instruindo-os para proclamar as boas novas, fazendo discípulos e batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo[10]. Pois Deus estava em Cristo reconciliando o mundo com Ele[11]. É, portanto a missão de Deus que compartilhamos.

22. A Missão pertence a Deus e somos chamados a nos envolver nesta missão, para que o desejo de Deus de salvação para todos seja cumprido. Neste sentido, missão não é primeiramente uma atividade da igreja, mas um atributo de Deus. Igrejas existem como um instrumento para esta missão. Existe igreja porque existe missão, e não vice-versa. Participar na missão é participar no movimento do amor de Deus para com as pessoas, pois Deus é fonte de amor.

23. Como anglicanos, valorizamos as "cinco marcas da missão", que começa com a pregação do Evangelho e o chamado à conversão pessoal, mas que envolve a vida toda: gostaríamos de ver aumentada a ênfase no ecumenismo, pacificação e integração global como partes integrais da missão de Deus. A Missão é um modelo rico e diverso, fiel à proclamação do Reino de Deus em Cristo Jesus; uma proclamação que toca todas as áreas da vida.

A Igreja Local

24. Em nosso estudo, pediram aos grupos Indaba que considerassem a questão: Como, em contextos tão diferentes, os bispos podem aprender e suportar uns aos outros de modo a estarem melhor preparados em seus papéis como líderes da Missão de Deus? Para os anglicanos, a diocese é a unidade básica da Igreja; é nesta linha de frente que devemos estar efetivamente engajados na missão. Nossa reflexão sobre a situação da missão e evangelismo em nossas dioceses levou-nos a compartilhar histórias, uma crítica da presente situação e expressões de esperança com relação às preocupações que foram ressaltadas.

25. Afirmamos que evangelismo refere-se a fazer discípulos e ao crescimento espiritual. Esta necessidade envolve um encontro pessoal com o Cristo ressuscitado e um compromisso com o discipulado. Evangelismo é o topo da missão na proclamação das Boas Novas de Jesus Cristo

como Senhor e Salvador em palavra e ação. O Evangelho é o sangue vital da Igreja e envolve, por meio da proclamação, palavra e ação as boas novas do amor de Deus em Cristo que transforma toda a vida. Deve haver também uma comunidade compassiva, que possibilita outras pessoas para liderança da Igreja, e mantém o foco nos marginalizados.

26. Afirmamos que ministramos à toda comunidade, incluindo jovens e idosos. A história do Anglicanismo tem sido caracterizada por uma tradição de cuidado pastoral centrada em torno do cuidado das pessoas nas várias transições do ciclo da vida. Particularmente o ministério dos doentes, daqueles que não podem sair de suas casas e daqueles que estão morrendo. No processo Indaba expressou-se uma preocupação especial pelas crianças e jovens na vida da Igreja. Ao mesmo tempo, admitiu-se que muitas das tentativas de envolver os jovens foram ineficientes. Alguns modelos e compreensões dos jovens são antiquados. Há necessidade de um grande esforço para encontrar novas expressões de ministério com e para os jovens, e um senso de zelo e paixão para incluí-los na vida da igreja. Há também um reconhecimento do fato que os jovens não são somente parte integral da vida da Igreja, mas, com seus idealismos, entusiasmo e criatividade, podem também fazer uma contribuição positiva no trabalho evangelístico da Igreja. Temos sido privilegiados com o ministério de pessoas jovens nesta Conferência como auxiliares e relatores, damos as boas vindas às suas contribuições, paixões e entusiasmos pelo Evangelho.

27. Enquanto em alguns contextos do mundo em desenvolvimento, os jovens são a maioria, em muitos outros há uma preponderância de pessoas mais velhas na composição das congregações: isto não deve ser visto como um motivo de desespero. Além do fato de que, com a melhora da qualidade de vida em algumas partes do mundo, esta população está vivendo mais e tendo mais anos de criatividade pela frente, muitos deles em suas aposentadorias. Os idosos são, em muitas instâncias, um recurso inexplorado para participação na missão da Igreja. Este grupo etário que frequentemente tem a maior concentração de recursos, tempo disponível, experiência, e um compromisso religioso focado. Esta conferência tem sido sustentada pelo ministério de pessoas idosas que serviram com distinção como auxiliares e pessoal de hospitalidade durante a conferência.

28. Afirmamos que as boas novas proclamadas em Cristo são dirigidas especialmente aos pobres e aos excluídos, aos que são marginalizados em nossa sociedade e aos despossuídos.

Em situações onde há imigrantes, refugiados e pessoas desalojadas, a Igreja frequentemente é a primeira a ajudar, mas é necessário desenvolver melhores redes de Comunhão/Companheirismo para ministrar de forma efetiva a este grupo. A Igreja precisa estar atenta às políticas governamentais de imigração. Expressou-se a necessidade de receber os imigrantes e os que estão nas periferias urbanas. Também notou-se que o evangelismo para esta população é em muitos casos um processo de "bate e corre", sem resultados evidentes. Há muitos lugares em que a Igreja está ativamente envolvida nos trabalhos entre pessoas com HIV e AIDS. Notou-se, entretanto, que a Igreja precisa estar mais envolvida em dar suporte jurídico, conscientizar, cuidar pastoralmente e fornecer cuidados médicos para aqueles que necessitam.

29. Afirmamos que as boas novas devem continuar a ser proclamada em todas as circunstâncias na alegria do Senhor.

É particularmente importante que a Igreja procure estar presente em situações de emergência, de destruição e desastre natural. Histórias das devastações anuais em virtude dos desastres naturais na Tanzânia foram compartilhadas, com relatórios positivos do ministério perseverante com sinais de crescimento neste contexto. Foi identificado como fatores em algumas situações o declínio demográfico e econômico. Crescimento e declínio coexistirão em alguns lugares. As necessidades que confronta a igreja são muitas, mas em muitos lugares, os ingressos para levar adiante a missão da igreja são insuficientes. Tomou-se nota da pobreza de algumas áreas da Comunhão Anglicana, e mesmo assim a Igreja continua ministrando e sendo um sinal de esperança. Notou-se também a redução da população em algumas áreas rurais e afirmou-se a continuidade do ministério nestes lugares.

30. Afirmamos que a proclamação do Evangelho é a proclamação de um modo de vida plena -

uma vocação à santidade pessoal. Como foi dito, ações falam mais do que palavras, santidade pessoal é vital na proclamação do evangelho. A sociedade pós-moderna está sendo caracterizada pelo desenvolvimento científico e tecnológico, que tem visto o mundo se tornar uma aldeia global. Estes avanços têm contribuído para a transformação da sociedade humana. Ao mesmo tempo observa-se que os valores culturais da sociedade pós-moderna, especialmente seu foco no individualismo e na relatividade, desafiam o ensinamento do Cristianismo, que é decididamente contra cultural. O chamado para a vida em santidade torna-se um grande desafio neste meio. *Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito. Romanos 12:2.*

31. Afirmamos que a Igreja é chamada a ser fiel no exercício de sua missão no contexto em que se encontra com a devida consideração à cultura. Reconhecemos que no exercício de compreensão desta responsabilidade, que o que pode ser positivo, aceitável e adequado em uma cultura, pode ser negativo, prejudicial e pode afetar o testemunho e proclamação do evangelho em outras partes da Comunhão, devido às diferenças culturais. A Bíblia deve ser tida como principal guia de autoridade em nossa proclamação do evangelho. [12]

Vida Provincial e sua Contribuição para Missão

32. Nossas dioceses estão unidas como Igrejas nacionais ou regionais, também conhecidas como Províncias. Em algumas situações especiais existem unidades conhecidas como jurisdições Extra-Provinceais que não possuem a estrutura e independência da Província e estão sujeitas a uma supervisão Episcopal especial como no caso das Ilhas Malvinas. Existem seis destas jurisdições dentro da Comunhão. Afirmamos o valor de nossa estrutura Provincial, pela qual a vida da Igreja local é nutrida e sustentada. O trabalho missionário da diocese poderia ser mais efetivo através de vínculos e associações a nível Provincial, que permitam a troca de informações, recursos, políticas, histórias, melhores práticas, pessoal, programas de educação e treinamento. Deve-se incluir um processo pelo qual haja a troca de uma cultura eclesial de manutenção no nível local através do desenvolvimento focado na missão; as Províncias devem encorajar iniciativas evangélicas locais e ajudá-las a celebrar seus dons e compartilhar suas histórias. Os recursos Provinceais para a missão e evangelismo são uma das principais tarefas da igreja nacional ou regional, através de uma gama de articulações:

33. Educação e Treinamento. Afirmamos o papel central das Províncias em facilitar a educação e treinamento especialmente em disciplinas ministeriais, teológicas e pastorais para os bispos, clérigos e todo o povo de Deus, equipando-os deste modo para a liderança nas várias áreas de missão e evangelismo. A juventude deve receber a devida consideração neste propósito. Promover e possibilitar o pensamento criativo e prover pessoas para ajudar a conduzir iniciativas de missão, deve ser o principal objetivo.

34. Auxílio Financeiro. Reconhecemos as limitações que algumas partes da Comunhão enfrentam com relação à disponibilidade de recursos adequados. Uma forma que as províncias podem ajudar as dioceses é através de provisões de um centro de recursos com o suporte financeiro para as iniciativas de missão. Este centro de recursos possibilitará reagir aos vários acidentes de percurso, que acontecem de tempos em tempos.

35. Setores ministeriais. A Província pode incentivar e capacitar ministérios específicos que transcendam as estruturas paroquiais normais. Capelanias para as forças armadas, hospitais, prisões, escolas e universidades que valorizam o testemunho da Igreja e permitem o desenvolvimento de ministérios especiais ajustados às necessidades e perspectivas dos grupos com os quais eles trabalham.

36. Preocupações Estruturais e Organizacionais. Afirmamos que há necessidade de revisar a burocracia das províncias, com o intuito de promover uma comunicação mais efetiva e eficiente. Há a necessidade de fortalecer o sentido de colegialidade e a construção da confiança e

responsabilidade entre as dioceses, a suposição de alguma função apelativa como uma forma de julgar as questões que possam surgir, e assegurar que as decisões e ações sejam tomadas em nível adequado. (Ser um centro de intercambio de idéias e inovações vindas das dioceses).

37. Programas. Reconhecemos que no exercício de sua voz profética a igreja precisa abordar os problemas dos direitos humanos, meio ambiente, trabalhadores imigrantes, HIV e AIDS, reconciliação e verdade em assuntos eclesiais e civis, e práticas de comércio justo entre as nações, etc. No exercício de sua missão a Igreja precisa manter o foco nos serviços comunitários, sociais e médicos, e parcerias com ONGs ou organizações internacionais, atendimento aos presos, etc. No exercício da missão deve buscar ativamente compartilhar e estabelecer redes ecumênicas para ministrar. As províncias devem iniciar e promover programas que permitam revelar aos anglicanos, especialmente os jovens, a Comunhão através de viagens missionária de intercâmbio.

Missão e Comunhão Anglicana

38. Também comemoramos nossa vida interdependente na Comunhão Anglicana, como igrejas nacionais e regionais guiadas em ações conjuntas pelas boas novas do Evangelho. Há uma necessidade de renovação e mudanças no nível da Comunhão a fim de facilitar nossa unidade e coordenação mais efetiva e exercício de missão nos níveis provinciais, diocesanos e congregacionais.

39. Coordenação de Funções: Afirmamos que os Instrumentos da Comunhão Anglicana são os órgãos apropriados para prover os símbolos e recursos globais que são traduzidos nos contextos globais. O exercício desta função inclui a troca de experiências, políticas, recursos, treinamento apropriado, educação em áreas essenciais teológicas, e capacitar líderes no exercício de missão, relações inter-religiosas, identificação de recursos financeiros, e associações ecumênicas.

40. Reconhecer a importância da tecnologia eletrônica no ambiente global atual, onde há a possibilidade de usar a tecnologia como os "websites" e outros meios, para a criação de recursos multimídia para o uso nas dioceses e províncias (ex. : DVDs da Conferência de Lambeth, uma introdução ao Cristianismo anglicano, e um "discurso sobre o estado da Comunhão Anglicana" proferida pelo Arcebispo de Cantuária, e o desenvolvimento do Ciclo anglicano de Oração que incluem solicitações específicas de oração/missão e ministério nas dioceses;

41. Estrutural e Organizacional. Afirmamos que os Instrumentos da Comunhão precisam prover a autoridade eclesial que interpretam o que é Anglicanismo; prover esclarecimento na natureza da Comunhão; ativar e canalizar respostas às emergências mundiais; fortalecer o apoio, permanecer firme em solidariedade com aqueles que sofrem perseguição, injustiça e cuja voz é silenciada, e aquelas Províncias/Dioceses que se encontram em dificuldades no exercício da missão, e prover um apoio ativo às iniciativas pacificadoras; auxiliar na resolução de problemas internos e facilitar os vínculos e associações, (dioceses companheiras) e o fluxo de informação dentro da Comunhão; apoiar aqueles que estão isolados de suas dioceses por objeções justas à ações tomadas por suas dioceses ou províncias; e promover encontros grupais ou regionais dentro da Comunhão entre as Conferências de Lambeth.

42. Preocupações programáticas. Reconhecemos o crescimento da Igreja em áreas do hemisfério sul e as muitas expressões novas de igreja em toda a Comunhão. Ao mesmo tempo somos chamados como Comunhão para desenvolver uma visão mundial e estratégica de implantação de igreja, crescimento, e missão. Embora incentivemos estas estratégias devemos estar conscientes daquelas dioceses e províncias que ainda não alcançaram auto-suficiência nem atenderam adequadamente às áreas necessitadas.

Referências

As Cinco Marcas da Missão:

- * proclamar as Boas Novas do Reino de Deus;
- * ensinar, batizar e incentivar novos crentes;
- * responder às necessidades humanas através de serviço amoroso;
- * buscar transformar as estruturas injustas da sociedade; e
- * procurar manter a integridade da criação e sustentar e renovar a vida na terra.

Uma estória sobre o discurso em plenária de Brian McLaren pode ser encontrado no site:

<http://www.lambethconference.org/daily/news.cfm/2008/7/22/ACNS4453>

Este endereço eletrônico ainda não está ativado.

O discurso do Cardeal Ivan Dias ao plenário pode ser encontrado no site:

<http://www.lambethconference.org/daily/news.cfm/2008/7/23/ACNS4458>

Reconhecemos e afirmamos o trabalho notável que tem sido realizado através dos anos pelo MISAG (Grupo de Iniciativa Missionária e Conselho Estratégico), MISSIO (Comissão de Missão da Comunhão Anglicana.) e IASCOME (Comissão em Missão e Evangelismo Inter-Anglicana) e sua contribuição na compreensão dos imperativos da missão da Comunhão.

Iniciativas

- O desenvolvimento de um Diretório de Lambeth e a expansão do website da Comunhão Anglicana para permitir a troca de pensamentos teológicos, idéias de missão, associações, etc. A Comunhão deve reconhecer as Províncias individuais como Províncias autodeterminantes que caminham juntas para fortaleza. Ao mesmo tempo a Comunhão deve ajudar as Províncias, Dioceses e igrejas locais a reconhecer o valor dos dons que trazem a toda a Comunhão. Uma forma de realizar isto é o Arcebispo de Cantuária apoiar e dar seu respaldo (não necessariamente fazer ou financiar) iniciativas que são projetadas para jovens e adultos jovens.
- A Comunhão podia preparar um Pacote Introdutório do Bispo contendo informações sobre que recursos e informações que estão disponíveis na Comunhão, incluindo contato, redes, comissões, etc. O presente ciclo de encontros de Lambeth a cada 10 anos é inadequado. Talvez pudesse ser um encontro de um grupo representativo a cada 3 anos.

Parágrafo C: Justiça Humana e Social

43. A missão de Deus é holística; sua orientação está direcionada para redenção de toda a criação [13]. Para os anglicanos, e também toda a Igreja, o Evangelho não é apenas a proclamação da redenção e renovação individual, mas a renovação da sociedade sob o Reino de Deus; o fim da injustiça e a restauração da correta relação de Deus com os seres humanos e entre a humanidade e a criação. Reconhecemos que a justiça social e as relações globais são muito complexas e poderosas.

44. O Evangelho dado para nós por Jesus nas sinagogas em Nazaré requer nosso compromisso para com os pobres, os marginalizados, os explorados, os refugiados, os povos nativos, os sem-tetos e as vítimas de guerra, terror e desastres naturais[14]. Reconhecemos a urgente necessidade para afirmar, desenvolver e fortalecer nossa responsabilidade para com aqueles que não tem poder nem voz. Sentimo-nos entristecidos e desafiados pelo fato de que frequentemente as mulheres e as crianças são impotentes e marginalizadas em nosso mundo. Gostaríamos de encorajar o bom trabalho que já está sendo realizado em muitas Províncias, com o apoio de outras Províncias de nossa Comunhão. Também notamos os inúmeros benefícios que já estão ocorrendo em muitas

Províncias. Estas histórias precisam ser contadas, afirmadas e comunicadas para causar melhor efeito. Precisamos estabelecer uma nova Assistência Global Anglicana e Agência de Desenvolvimento, como um tema de urgência, para coordenar e prover nosso compromisso aos que não tem voz. Incitamos as Igrejas e Províncias da Comunhão a orar sem cessar. [15]

45. As Metas de Desenvolvimento do Milênio são vistas como um marco essencial de comprometimento com os assuntos de justiça social em toda a Comunhão, a nível Provincial, Diocesano e Paroquial. Reconhecemos os imperativos teológicos sustentando as Metas de Desenvolvimento do Milênio. Precisamos esclarecer e manter aqueles imperativos claramente e ajudar-nos uns aos outros a comprometer-nos com e agir sobre elas o melhor que pudermos. Como parte de nossa resposta às ordens do Senhor de falar aos pobres, a conferência foi unânime na aceitação do convite do Arcebispo Rowan e de outros líderes religiosos, para juntar-se a eles em uma marcha de testemunho desde o Whitehall ao Palácio de Lambeth. Este foi um momento inspirador, não apenas pelo discurso bem informado, apaixonado e pessoal, feito pelo Primeiro Ministro do Reino Unido, Gordon Brown. Hellen Wangusa, a Observadora da Comunhão Anglicana nas Nações Unidas, estava presente e discursou ao grupo. Em uma carta apresentada ao Primeiro Ministro, em nome dos bispos, o Arcebispo de Cantuária escreveu: "Por que a nossa fé desafia-nos a erradicar a pobreza, e não somente reduzi-la, deveríamos estar mais alarmados pois. . . a maioria destes objetivos não serão alcançados. A causa não é a falta de recursos, mas a falta de vontade política global. Quando os líderes mundiais se encontrarem em Nova Iorque, nas Nações Unidas, em 25 de Setembro, eles deverão encontrar um maior compromisso político para abordar a pobreza e desigualdade. Um cronograma para alcançar as MDM (Metas de Desenvolvimento do Milênio) para 2015 precisa ser criado. Nossos líderes precisam investir e fortalecer sua parceria com a Igreja no mundo, para que sua extensa rede de distribuição para educação e saúde, junto a outros credos, seja plenamente utilizado na erradicação da pobreza. "

46. Os indivíduos se mantêm dentro da vida de uma família desde o nascimento até a morte. Os anglicanos afirmam o lugar e a meta de uma vida familiar saudável para todos, em termos de saúde física, mental, emocional e espiritual. As Famílias fazem parte da família de Deus assim como parte de uma comunidade maior. Todos os filhos de Deus, homens e mulheres, são iguais perante Deus e merecem ser tratados igualmente em relação ao cuidado com a saúde, a educação e o apoio emocional e espiritual. Não deveria haver abuso de poder dentro da vida familiar - especialmente nas famílias que proclamam ser seguidoras de Jesus Cristo. Como anglicanos somos chamados a ter uma regra de vida pessoal. O velho ditado: "Família que ora unida, permanece unida", pode formar uma base para uma regra de vida familiar que enfoca a família na centralidade de Jesus Cristo, respeitando-nos uns aos outros como filhos de Deus, os irmãos e irmãs de Jesus. A Rede Familiar Inter Anglicana apóia trabalhos em família por toda a Comunhão.

47. Jesus chamou as crianças para si, e em nosso tempo devemos estender nossa caridade às crianças do mundo. A exploração sexual, em suas várias expressões, não deve ser tolerada. Trabalhamos para que um dia a pornografia infantil e a propaganda de sexualização infantil terminem. No reino de Deus nenhuma criança servirá como soldado, ou escravo, ou trabalhador, mas será livre da pobreza, violência e suas muitas manifestações.

48. Os cônjuges da Conferência de Lambeth tomaram a responsabilidade no planejamento de um dia em conjunto para conversar decisivamente sobre o lugar do poder como abuso dentro da sociedade assim como na igreja. Ajudados pelo discurso de Jane Williams, Jenny Plane Te Paa e Gerald West, a Conferência considerou os assuntos de violência e redenção que se encontram na passagem da escritura que se encontra em 2 Samuel 13:1-22; a estória de Tamar, a filha de Davi, violada por seu meio irmão Amnon. Uma dramática apresentação pela Companhia de Teatro Riding Lights auxiliou a Conferência enquanto refletíamos os meios em que os personagens dos textos bíblicos se envolviam no abuso do poder.

49. A violência contra as mulheres e crianças dentro do corpo de Cristo é violência contra o corpo de Cristo. A violência toma muitas formas incluindo o abuso físico, financeiro, emocional,

psicológico, intelectual, cultural, sexual e espiritual. Mulheres e crianças sofrem de maneira desproporcional os efeitos do poder abusivo. A totalidade da igreja e o mundo podem ser prejudicados pela vontade humana de exercer o poder. Jesus oferece um uso alternativo de poder. Ele lavou os pés de seus discípulos, submeteu-se ao injusto julgamento de Pilatos, e morreu na cruz como um por meio de quem todas as coisas vieram a existir.

50. Notou-se que o abuso de poder é um assunto extraordinariamente complexo, multifacetado que envolve o indivíduo, o grupo, a comunidade, a instituição, é intensamente pessoal, inevitavelmente político e tem conseqüências de grande alcance. Se a autoridade clerical é abusiva ou exercida sem restrição, humildade ou respeito, a traição para com todos envolvidos é profunda. Desafiados a restabelecer a verdade evangélica da dignidade da pessoa humana, a Conferência afirmou a necessidade de ter um especial cuidado para que o poder seja sempre doador de vida. É sabido que em muitas dioceses e províncias há uma necessidade de treinamento e medidas pastorais apropriadas para se fazer da igreja um lugar seguro e responsável para todas as pessoas.

51. As Igrejas da Comunhão Anglicana reconhecem, valorizam e celebram a contribuição que as pessoas solteiras tem feito em suas vidas em comum e ministério ao longo da vasta história da Comunhão e ao redor do mundo. Apoiamos aqueles em nosso meio que, independentemente de sua orientação sexual, se sentem chamados por Deus a oferecerem-se inteiramente a Ele, vivendo vidas de fé como solteiros, celibatários, seja só ou acompanhados, em comunidades monásticas. Apreciamos seus testemunhos e a nítida contribuição que fazem à vida da igreja. Os sacrifícios que alguns estão dispostos a fazer a serviço do povo de Deus, rendendo-Lhe glória. É um prazer tê-los entre nós. Damos graças por eles e comprometemo-nos a apoiá-los em nossas orações.

52. As primeiras cinco das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM) buscam abordar esta vulnerabilidade eliminando a pobreza, obtendo educação primária universal, promovendo a igualdade de gênero, melhorando a saúde materna e reduzindo a mortalidade infantil. Enquanto a Conferência de Lambeth 1998 expressou seu apoio as Metas de Desenvolvimento do Milênio, não sabemos muito bem o que está sendo feito ao redor da Comunhão para obtê-las. A Rede Inter-Anglicana de Mulheres trabalha através do Observador Anglicano nas Nações Unidas e na Comissão das Nações Unidas na condição de Mulheres para promover a Meta 3, Igualdade de Gênero e Capacitação de Mulheres.

53. Apreciamos o trabalho e testemunho da União de Mães e outras organizações de mulheres dentro da Comunhão, como principais ferramentas do imperativo do evangelho de cuidar dos pobres. Sua contribuição a vida familiar, educação, saúde, cuidado e desenvolvimento pastoral e trabalho de ajuda humanitária, é exemplar. Em reconhecimento a importância de seu trabalho, é imperativo que encontremos melhores maneiras de coordenar e fortalecer nosso trabalho em conjunto para o Reino de Deus.

54. Um dos aspectos principais do compromisso cristão na questão de justiça social é a proclamação da reconciliação. Reconciliação é o fundamento principal do ato de Deus em Cristo na cruz[16]. Porque fomos reconciliados com Deus por meio de Cristo, então fomos chamados a trazer reconciliação para o mundo[17]. Batizados na morte e ressurreição de Cristo, os crentes são chamados a incorporar a verdade de que não há nada quebrado que não se repare em Cristo; nenhum pecado que não possa ser redimido por Deus. Em meio a nossa própria ruptura como uma Comunhão, podemos reconhecer a necessidade de arrependimento e o dom da reconciliação dado a nós por pura graça de Deus em Cristo.

55. Histórias de experiências e situações de reconciliação foram compartilhadas. Isto incluiu a situação na Igreja do Canadá onde a experiência colonial em escolas residenciais causou grande dor às populações indígenas. Nestas situações, há a necessidade de desculpa, escuta e reparação dos erros. Atos civis de desculpas e reconciliação em Aotearoa, Nova Zelândia, no Canadá, na Austrália aos Aborígenes e aos nativos das Ilhas do Estreito de Torres foram notados como sinal de esperança. Gestos simbólicos que expressam sofrimento pelas injustiças do passado cometidas pela Igreja e por autoridades civis devem ser seguidos por políticas estruturais, sociais e econômicas que

melhorem a vida das comunidades indígenas. Também se discutiram as iniciativas de reconciliação no contexto da Índia, entre os Dalits (os intocáveis) e no Congo onde há prolongadas lutas tribais. O ministério do Arcebispo de Cantuária foi citado como um ponto central de reconciliação, carregando a cruz de Cristo colegiado conosco os bispos, até mesmo na esperança de reconciliação na atual situação de conflitos dentro da Comunhão.

56. Os vínculos diocesanos existentes e esta conferência têm nos ajudado a entender o desafio nas questões culturais e sociais através da Comunhão e como cada uma delas afeta nossa interpretação do Evangelho. Estes vínculos evidentemente funcionam e deveriam ser desenvolvidos ainda mais, para o bem de todos. Através da educação em todos os níveis (nas dioceses, paróquias, instituições teológicas e escolas), formal ou informalmente, questões de justiça social poderiam ser abordadas regular e sistematicamente.

57. O trabalho da educação, levado adiante pela Comunhão, através de escolas e universidades de confissão anglicana, é um importante e vital ministério e testemunho de Jesus Cristo. Muitos pobres do mundo não têm acesso à educação formal e queremos dar a eles oportunidades para que descubram seu pleno potencial e determinem o seu próprio futuro. Precisamos um programa de desenvolvimento para auxiliar as Dioceses que precisam de ajuda nas instituições existentes e auxiliar outras a construir, administrar e equipar instituições educacionais em mais lugares.

58. Como Bispos, devemos moldar e encorajar outros a realizar sua fé em Cristo de uma forma que demonstre nosso compromisso com estas questões. O papel dos Bispos em tudo isto é possibilitar às comunidades de fé a serem agentes de transformação e reconciliação. Comprometemo-nos a discernir e interpretar as necessidades locais de uma forma que nos leve a ação, porque isto é ser profético. Tomando a devida consideração aos contextos locais, comprometemo-nos a defender e pressionar (governos, órgãos, negócios, parceiros ecumênicos e de outras denominações religiosas e qualquer outro órgão apropriado ou organismo) em muitas questões de justiça social que encontramos em nosso mundo.

Iniciativas

1. Constituição de uma entidade de Assistência Global Anglicano para o Desenvolvimento.
2. As Províncias da Comunhão deveriam propor um Dia de Oração, Jejum e Testemunho no dia 25 de setembro de 2008, na sessão especial nas Nações Unidas para discutir as Metas de Desenvolvimento do Milênio.

Referências

Os Objetivos das Metas de Desenvolvimento do Milênio:

- Erradicar a pobreza extrema e a fome
- Alcançar a educação primária universal
- Promover igualdade de gênero e capacitação das mulheres
- Reduzir a mortalidade infantil
- Melhorar a saúde materna
- Combater o HIV e AIDS, malária e outras doenças
- Assegurar a sustentabilidade do meio ambiente
- Desenvolver uma associação global para o desenvolvimento

As apresentações em plenária na Conferência:

Jane Williams “Quando se abusa do poder”

Jenny Plane Te Paa “Iguais aos olhos de Deus: quando se abusa do poder”

Parágrafo D: Meio Ambiente

59. A quinta marca da missão é: "Empenhar-se por salvaguardar a integridade da criação e renovar a vida na terra." Até agora, esta é a marca da missão que as igrejas da Comunhão menos dominam universalmente. Se dissermos que "A terra é do Senhor. . .", devemos estar preparados para viver esta verdade! Não podemos fazer mal uso de um presente do Senhor. Se somos chamados a ser discípulos de Jesus Cristo, devemos estar preparados para um discipulado radical, "vivendo simplesmente, para que outros possam simplesmente viver". Salvaguardar a criação é uma questão espiritual. A mudança climática nos questiona sobre nossas atitudes com respeito à criação, tecnologia, sustentabilidade para o futuro, e justiça para todas as pessoas. Esta é uma questão de discipulado, não algo que possivelmente poderíamos fazer. Quando outros vêem que nós anglicanos tomamos a questão do meio ambiente seriamente, quem sabe não se sintam inclinados a trabalhar conosco, e fazendo isto, eles possam ver as Boas Novas de Jesus Cristo proclamadas em suas ações.

60. A ignorância das questões do meio ambiente é uma prioridade que deve ser abordada. As histórias compartilhadas pelos bispos de toda a Comunhão oferecem um panorama da crise global. Há muitos exemplos, incluindo a poluição da água, despejo de dejetos tóxicos, poluição do ar, desmatamento, disposição irresponsável do lixo. Está claro que o intercâmbio a nível pessoal das questões enfrentadas (com o conhecimento pessoal) tem um maior impacto em nós que reportagem da mídia ocidental. O meio ambiente é prioridade número um em algumas províncias e deve ser uma prioridade alta para todos nós. Nos países em desenvolvimento e entre os povos indígenas, em particular no Ártico, salvaguardar a criação é uma atividade diária, não um exercício intelectual. Os bispos da Comunhão deveriam ter um papel de liderança pelo exemplo, vivendo um estilo de vida mais simples, usando um crédito de carbono para suas viagens, ou viajando menos!

61. Embora muitos órgãos podem se envolver com questões ambientais, a igreja deve fazê-lo partindo das Escrituras e de uma teologia plausível. Uma referência das Escrituras particularmente difícil tem sido Gênesis 1:28 onde as palavras 'ter domínio sobre' e 'submeter' tem sido mal interpretadas como 'Façam o que quiserem com a terra'. Se a humanidade foi feita à imagem de Deus, que viu que a criação era boa, então a humanidade precisa aprender a cuidar da criação de Deus. As teologias da criação, do Sabbath, da mordomia cristã e "do suficiente" precisam ser desenvolvidas para uso geral. A criação não caiu, a humanidade sim, e isto levou a destruição da criação. Alguns dos sintomas deste pecado humano incluem o egoísmo, a ganância, consumismo e indulgência excessiva. A destruição do meio ambiente é uma questão espiritual e a igreja pode sugerir ações em termos de disciplina espiritual, incluindo arrependimento pelos hábitos arraigados que são ecologicamente irresponsáveis. Isto não é apenas tentar reparar o mundo, mas viver na esperança da redenção prometida da criação por Deus.

62. Os povos indígenas têm uma compreensão tradicional da terra como um presente do Criador e de sua relação com ela, e suas criaturas sendo uma das interconexões e responsáveis pelo cuidado. Os povos indígenas fazem nos lembrar que não somos seres estranhos neste mundo a ser conquistado, mas parte integral de uma ordem criada, como são as plantas e animais, que devem ser preservados e nutridos. A Rede Indígena Anglicana poderia fornecer boas referências para a Comunhão para desenvolver estas idéias com maior plenitude.

63. Os muitos exemplos de destruição enfocaram a preocupações sobre a água. A água é central no batismo, o sacramento da vida nova. Isto nos lembra que temos uma responsabilidade por aqueles que estão por nascer e assegurar condições para sua vida potencial e crescimento. A Comunhão, as Províncias e as Dioceses poderiam focar em uma campanha maior - o direito humano à água.

64. Há somente um único instrumento para sustentar a criação de Deus: a humanidade. Fazer com que as pessoas se movam requer uma liderança moral e este é o papel da igreja junto com outros corpos conscientes, por exemplo, as Nações Unidas. As igrejas anglicanas devem se envolver com

outros órgãos com conhecimento e experiência para influenciar os membros da igreja, os vários níveis governamentais e as comunidades de negócios.

O que a igreja pode fazer? Começar a agir! Não esperar mais!

65. **Educação:** Envolver-se com cientistas para ter informações precisas e verossímeis. A educação escritural e teológica deveria estar disponíveis aos estudantes dos seminários para produzir clérigos conhecedores e líderes preparados para congregações envolvidas. Precisamos de materiais didáticos para encorajar crianças e jovens a se envolverem com programas para mudança. Materiais didáticos para os adultos das paróquias seria de muita ajuda. Cada anglicano deve entender que é sua responsabilidade pessoal viver uma regra de vida que sustente e restaure a criação de Deus. A mudança climática é um chamado para examinarmos nosso impacto ao meio ambiente - como indivíduos e como uma comunidade de fé em construção.

66. **Outorgar poderes:** Há também uma oportunidade para os bispos de elevar a consciência dos membros da igreja, assim como do público. A Comunhão/Província deveria colocar-se como um símbolo de compromisso ecológico para sustentar e renovar a criação de Deus. As dioceses e as paróquias fornecem oportunidades de aprendizagem e ação. As pessoas respondem melhor às ações específicas e simples, por exemplo, plantar uma árvore cada ano, não usar plástico na igreja, andar sempre que puder ao invés de usar o carro. Os bispos podem também ter ações específicas, como por exemplo, plantar uma árvore em cada paróquia que visitar, realizar um de seus sermões focado no Meio Ambiente. "Prêmios Verdes" são também incentivos para as dioceses e paróquias para diminuir os danos que causam à criação e melhorar as formas de contribuírem e renovarem a terra.

67. **Apoio:** O Bispo está frequentemente em posição de fazer contatos com níveis governamentais e de negócios, onde há oportunidade de apoiar mudanças. Informações precisas contendo solicitações de ações específicas devem estar ao seu alcance. O bispo pode manter também conexões ecumênicas e com outras expressões de fé, a fim de falar aos poderes como uma voz. O Bispo é quase sempre necessitado/requisitado como uma figura pública para encabeçar campanhas, mas poderia ser escolhido mantendo a adequação da campanha.

68. **Liturgia:** Os comitês de louvor diocesanos e da Comunhão podem desenvolver recursos de louvor com referências ao tema da criação e do meio ambiente, e usar as estações litúrgicas para conscientizar sobre o meio ambiente, por exemplo, ações de graças pela plantação e pela colheita, memorial de São Francisco, jejum quaresmal pelo consumo de energia. Pode-se identificar no Lecionário as passagens da Escritura que falem da integridade da criação e disponibilizar materiais de apoio para estudo e pregação (por exemplo: Gênesis 1:27,28, 29 ou 9:11; Salmos 8; João 1:1-3; Romanos 8:18-21; Colossenses 1:15-20)

69. **Outorgar poderes para a ação:** Pensar globalmente, atuar localmente e globalmente. Trabalhar de forma ecumênica e com outros grupos de fé para pressionar os governos por leis e implementação de acordo internacionais, por exemplo, Kyoto e Copenhague 2009. Os bispos poderiam também ter um papel reconciliador intermediando diálogos entre empresas, governos e ambientalistas. Devemos ser conscientes dos aspectos políticos e econômicos no cuidado da criação. Ecologia e economia estão conectadas. O desejo pelo desenvolvimento econômico pode iniciar um círculo vicioso de danos ao meio ambiente. O dano ao meio ambiente cria condições que impactam as nações em desenvolvimento e aquelas que vivem na pobreza (mulheres e crianças) primeiro. As melhoras econômicas de um grupo podem provocar um desastre ambiental em outro. Em muitas Províncias, especialmente para os povos indígenas. Os bispos precisam aprender como pressionar os governos com relação às questões ambientais e isto significa que devem estar informados corretamente e ter credibilidade com os governos.

70. A destruição ambiental está também relacionada com o desalojamento interno de pessoas e com a migração. Algumas vezes a criação é deliberadamente destruída por companhias que buscam acesso a recursos, como o petróleo, e o povo local é afugentado. Algumas vezes, quando a terra é devastada por desastres naturais, as pessoas migram procurando segurança e subsistência.

Iniciativas

Conferência Verde: A próxima Conferência de Lambeth deveria ser uma conferência verde onde a instituição que nos hospeda esteja sob clara direção de um Grupo de Planejamento que forneça instalações de reciclagem.

Acompanhamento da declaração da Conferência de Lambeth 1998 sobre as Metas de Desenvolvimento do Milênio, especialmente o nº 7, "Assegurar a sustentabilidade ambiental". O Conselho Consultivo anglicano 2009 deveria solicitar às províncias informar sobre seus trabalhos nas Metas de Desenvolvimento do Milênio o nº 7 com relação a sustentabilidade e renovação da criação em 2012.

Referências

Discurso em plenária do Professor Christopher Rapley.

Rede Ambiental da Comunhão Anglicana

<http://acen.anglicancommunion.org/index.cfm>

Parágrafo E: Ecumenismo

71. Assim como somos testemunhas do Evangelho de Cristo ao mundo e do poder de seu amor, devemos reconhecer a contínua realidade de nossas divisões na Igreja de Cristo. Acreditamos que a vocação ecumênica é uma que vem diretamente do Senhor, com poder e dirigida pelo Espírito Santo[18]. Nosso Senhor Jesus Cristo orou pela unidade de seus seguidores na noite anterior à sua morte. Acreditamos que é o desejo de Deus que a Igreja seja una. Os bispos lembram com gratidão que as sucessivas Conferências de Lambeth têm falado de maneira sucessiva e oficialmente na visão da Comunhão Anglicana da unidade da Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. Um bispo lembrou-nos da oração da Conferência de 1878 de que *deveria ter um rebanho com um pastor*[19], e outro, sobre a reafirmação do compromisso anglicano "a completa e visível unidade como meta do Movimento Ecumênico." [20] Isto está de acordo com o crescente consenso ecumênico envolvendo uma vida sacramental em comum, mútua responsabilidade e ministério compartilhado. A Comunhão Anglicana nunca viu sua vida como uma família de Igrejas auto-suficientes, nem reivindica identidade universal alguma que não seja parte da Igreja Uma, Santa, Católica e Apostólica.

72. Reconhecemos que todos os batizados são trazidos, mediante sua incorporação no Corpo de Cristo, em uma relação de comunhão uns com os outros. A vocação da Comunhão Anglicana e a vocação ecumênica são, portanto a mesma coisa: para aprofundar nossa expressão do dom da comunhão plena já conferida a nós através de nossa comunhão com e em Cristo.

73. Afirmamos o compromisso da Comunhão Anglicana a completa e visível unidade da Igreja agora, e nosso forte desejo recebeu uma expressão física nesta Conferência de Lambeth pela participação de nossos companheiros ecumênicos e dos bispos em comunhão. Eles têm participado como irmãos e irmãs no Senhor, e falado com amigos, prontos para ajudar e desafiar. Também afirmamos o Princípio Lund como um compromisso "em curso": "As Igrejas deveriam atuar juntas em todos os assuntos exceto naqueles aspectos em que as profundas diferenças de convicção as levam a atuar separadamente". Neste estágio do movimento ecumênico, temos que reconhecer que o que afeta um afeta todos, e que isto incumbe cada Igreja a viver com responsabilidade com o resto do *oikumene*.

74. A unidade é uma dádiva e uma vocação de Deus às Igrejas do mundo. Devemos aprender como receber esta dádiva. Conscientes do fato que nosso Senhor Jesus Cristo orou para que a Igreja

seja uma,[\[21\]](#) é portanto, um imperativo para todos seus seguidores. Deveriam usar "cada grama de sua energia" em busca da unidade. É fundamentalmente uma questão de integridade e credibilidade, pois se os cristãos não são capazes de permanecerem juntos em adoração e trabalho, nosso testemunho é deficiente e ninguém acreditará em nós.

75. O Evangelho está no coração da vida e missão da Igreja, e é a verdade que liberta as pessoas. Se a Igreja está dividida sua missão é deficiente. O ecumenismo, portanto, procura fazer a Igreja uma, está íntima e urgentemente ligado com esta missão, e torna-se um poderoso caminho para libertação que está exposto na paixão e ressurreição do Senhor e é para nós a fonte de uma nova vida.

76. O ecumenismo é um encontro da verdade em Cristo. [\[22\]](#) É parte da vocação de reconciliação da Igreja. A Igreja deveria ser formada por reconciliadores e reconciliados, um instrumento e sinal de reconciliação. Este papel de ser uma comunidade reconciliadora é urgente porque oferece um paradigma pelo qual a humanidade em geral está procurando na busca de uma vida autêntica, fé e verdade. Deveria ser alcançada através da servidão, do apoio mútuo, e especialmente através da oração.

77. A busca pela unidade deve ter uma essência teológica. Há muitos princípios teológicos que temos em comum com outras comunhões cristãs do mundo. Agradecemos a Deus pela presença de nossos parceiros ecumênicos na Conferência e nos alegramos pela forma que nos tem abençoado em nossas conversas formais e diálogos com eles desde que a Conferência de Lambeth se reuniu pela última vez em 1998.

78. Damos graças a Deus pelos vários e fortes modelos de relações ecumênicas que se desenvolvem na Comunhão Anglicana. Comprometemo-nos manter e nutrir relações de comunhão com a Igreja Independente das Filipinas, a Igreja Mar Thoma na Índia, e as Igrejas Vétero-Católicas da União de Utrecht. Damos as boas vindas ao crescimento e renovação das relações de comunhão com as Igrejas Luteranas do norte da Europa e da América do Norte. E ainda com as denominações e igrejas que temos nos relacionados por muitos anos, notamos o surgimento de muitas igrejas não denominacionais, mas, devido a sua estrutura congregacional é frequentemente difícil relacionar-se com elas. Afirmamos o trabalho do Fórum cristão Global[\[23\]](#).

79. As divisões atuais entre anglicanos e as ações de certas províncias que as provocaram, tem inevitavelmente interrompido não somente a vida interna da Comunhão, mas também os diálogos e cooperação ecumênicos. Nossos parceiros ecumênicos ficam por vezes desnorteados pela aparente inconsistência Anglicana, especialmente quando se referem às questões de autoridade e eclesiologia. Isto é imediatamente relevante diante dos dilemas enfrentados nesta Conferência.

80. Enquanto nos alegramos com os avanços feitos em nossas conversas com outras denominações, devemos saber que há frequentemente uma tensão entre diálogos formais e a Igreja em nível local, entre as estruturas da Igreja e as congregações locais. Muitas vezes questões de fé e ordem não são comunicadas ou vistas como relevantes às situações locais e eles nem sempre se traduzem em resultados práticos em nossas congregações. Ao mesmo tempo há muita atividade ecumênica em nível local. Talvez o futuro do ecumenismo deva ser de baixo para cima e não de cima para baixo. Entretanto, não importa o que fazemos em nível local, deve haver uma concordância de diálogo com o nível superior.

81. Ecumenismo e missão caminham lado a lado. Isto será comentado na Conferência Missionária Mundial em 2010, marcando o centenário da Conferência Missionária de Edinburgo realizada em 1910 na qual o movimento ecumênico moderno teve suas origens. Recordou-se que um de nossos predecessores, o Bispo Charles Brent, um bispo missionário da Igreja Episcopal dos EUA nas Filipinas e um dos fundadores do movimento ecumênico moderno, foi a chave da primeira conferência. Cooperação e missão entre Igrejas requerem que fundamentos teológicos e questões de fé e ordem caminhem junto com a vida e o trabalho. A busca ecumênica de que todos sejamos um em Cristo não é somente um testemunho da verdade revelada em Cristo, mas também uma

qualificação da Igreja para a sua missão de Deus.

82. Entretanto, não somente é o ecumenismo uma vocação para testemunhar a unidade do Corpo de Cristo e um só Senhor, uma só fé e um só Batismo[24] da revelação Cristã, é uma verdade singular que a resposta da Igreja ao chamado de Deus de abraçar sua missão só poderá ser plenamente realizada na ação de todo o Corpo de Cristo unido em sua resposta a Deus. A vocação ecumênica de que todos nós possamos ser vistos com um em Cristo não é apenas um testemunho à verdade revelada Nele, mas também uma qualificação em relação à missão da Igreja e as questões de justiça e paz. Os bispos enfatizaram a conexão entre ecumenismo, auxílio e socorro em tempos que seguem a guerra, desastres naturais e catástrofes humanas. Nestas ocasiões podemos dar suporte e trabalhar juntos de modo que nenhuma família Cristã consiga por si só. (Claro que muitos desastres e questões de desespero humano vão além do que as igrejas juntas possam enfrentar e demandam a cooperação de outras religiões, agências e órgãos governamentais).

83. Uma das chaves do ecumenismo é o relacionamento, especialmente entre líderes cristãos. Os bispos, portanto, devem ser líderes envolvidos no ecumenismo local, estando junto com líderes de outras denominações na proclamação do Evangelho e no fortalecimento da Igreja em sua missão e testemunho.

84. A natureza e extensão da cooperação ecumênica a caminho de uma plena e visível unidade, muitas vezes dependem do contexto. Há testemunhos claros de que as boas relações entre as igrejas florescem em tempos difíceis, e que estes tempos têm se demonstrado abundantes em pensamentos e trabalhos ecumênicos. Onde igrejas enfrentam crises ou desafios, elas são mais motivadas a estar e atuar juntas no testemunho. Por exemplo, na Índia, onde o Cristianismo é uma minoria perseguida, há muito mais cooperação entre as igrejas. Por outro lado, quando é uma maioria, frequentemente há complacência.

Referências

O estabelecimento da Comissão Inter Anglicana em Relações Ecumênicas (IASCER) foi aprovada na Conferência de Lambeth de 1998 para monitorar e habilitar a participação Anglicana em atividades ecumênicas e assegurar uma aproximação consistente. O IASCER tem se encontrado anualmente e tem provado ser um instrumento muito útil para a Comunhão e seus parceiros comovem em muitos assuntos de fé e ordem. Seus trabalhos estão registrados na página da Comunhão Anglicana.

Três relatórios foram propostos à Conferência de Lambeth como uma referência aos bispos:

“The Church of the Triune God” (The Cyprus Statement) (A Igreja do Deus Trino - A Declaração de Chipre) conclui a terceira etapa do diálogo teológico internacional anglicano-Ortodoxo (1989-2007). A Declaração expõe material significativo na vida da Igreja que é oportuno e pertinente para muitos dos debates atuais dentro do Anglicanismo. Disponível para compra pela editora *Church House Publishing*

www.anglicancommunion.org/ministry/ecumenical/dialogues/orthodox/index.cfm

Veja também: <http://www.chbookshop.co.uk/product.asp?id=2394753>

“Growing Together in Unity and Mission” (Crescendo juntos em Unidade e Missão) - Relatório da Comissão Católica Anglicana - Romana Internacional pela Unidade e Missão:

www.anglicancommunion.org/ministry/ecumenical/dialogues/catholic/iarccum/index.cfm

“Called to be the One Church” (Chamado para ser Uma Igreja) - Declaração eclesiológica do Conselho Mundial de Igrejas Assembléia de Porto Alegre

<http://www.oikumene.org/en/Referências/documents/assembly/porto-alegre-2006/1-statements-documents-adopted/christian-unity-and-message-to-the-churches/called-to-be-the-one-church-as-adopted.html>

Estes três relatórios foram usados como referências para a Conferência de Lambeth. Os bispos os recomendaram para estudo e acolhida na Comunhão Anglicana.

O Conselho Consultivo anglicano se encarrega de coordenar e habilitar o diálogo ecumênico através do trabalho de várias comissões bilaterais, cujo trabalho é reportado através da página na internet da Comunhão Anglicana. A Comunhão Anglicana atualmente tem dialogado com as Igrejas Ortodoxas Orientais, as Igrejas Ortodoxas do Leste, a Igreja Católica Romana, e a Federação Mundial Luterana e o Conselho Mundial Metodista. Uma listagem completa das Comissões e de seus trabalhos, juntos com as notas em todas as conversas bilaterais e relatórios publicados desde a Conferência de Lambeth de 1998 pode ser encontrado na página da internet da Comunhão Anglicana. O Conselho de Coordenação Internacional anglicano - Vetero-Católico continua o trabalho de implementação do Acordo de Bonn (1931).

Em 1999, a Comissão Internacional Anglicana - Católica Romana publicou o

Relatório *The Gift of Authority* (O Dom da Autoridade), o terceiro texto sobre autoridade na Igreja, www.anglicancommunion.org/ministry/ecumenical/dialogues/catholic/arcic/docs/gift_of_authority.cfm

e em 2005, *Mary, Grace and Hope in Christ* (Maria, Graça e Esperança em Cristo), sobre o lugar da Abençoada Virgem Maria na doutrina e devoção Cristã.

www.anglicancommunion.org/ministry/ecumenical/dialogues/catholic/arcic/index.cfm

Em 2002, o Grupo de Trabalho Internacional anglicano – Luterano publicou seu relatório, *Growth in Communion* (Crescendo em Comunhão), explorando as implicações teológicas de acordos da comunhão em nível regional e internacional entre Igrejas da Comunhão Anglicana e da Federação Mundial Luterana.

www.anglicancommunion.org/ministry/ecumenical/dialogues/lutheran/docs/growth_in_Communion_report.cfm

Em 2005, “*Conversations around the World*” (Conversas ao redor do Mundo), o relatório do diálogo com a Aliança Mundial Batista explicando convergências na fé e vida destas duas tradições e padrões para cooperação.

www.anglicancommunion.org/ministry/ecumenical/dialogues/baptist/index.cfm

Parágrafo F: Relações com outras Religiões do Mundo

85. Reconhecemos que vivemos atualmente em um mundo onde muitas expressões de fé vivem lado a lado. Encontramo-nos diariamente e, como próximos, somos levado a dialogar. Este diálogo, em verdade, surge do nosso amor e preocupação por toda a humanidade, que como nós, somos criados a imagem e semelhança de Deus.

86. Um bispo, nascido em uma família Hindu no Paquistão do Leste (hoje Bangladesh), contou sobre a perseguição que sofreu pelos Muçulmanos em seus primeiros anos. Tempos depois, logo que se mudou para Índia, ele ficou muito doente. Em seu leito, em hospital missionário, ele experimentou o amor de Jesus e disse que isto transformou sua vida e especialmente o modo de ver outras pessoas, inclusive muçulmanos. Agora, além dos 35.000 anglicanos de sua diocese, ele sente uma responsabilidade em seu ministério episcopal por todas as pessoas da região em que vive, não importando sua crença.

87. No Comitê Inter-Confissional Nacional do Peru, ficamos sabendo que Palestinos, principalmente homens e mulheres de meia-idade, estão impossibilitados de visitar seus pais idosos que vivem na Cisjordânia. Uma delegação nossa - cristãos e Judeus - foi com eles à Embaixada de Israel e falou com o Embaixador. Explicamos-lhe que eles não queriam passar pelo território de Israel, mas gostariam de alcançar a Cisjordânia através de Jordão.

O Embaixador nos disse que ele não poderia autorizar os vistos e que seria pouco provável

consegui-los. Entretanto, ele nos disse que como último recurso, poderíamos apelar para o Primeiro Ministro Israelita. Juntos, escrevemos para Ariel Sharon e, para surpresa e alegria de todos nós, no prazo de três meses, todos os membros do grupo receberam seus vistos e puderam viajar. Esta ação do Comitê mudou radicalmente a atmosfera do Comitê Inter-Confessional, a participação da comunidade muçulmana em uma cultura predominantemente Católica Romana e sua amizade.

88. As boas novas que compartilhamos são de Deus que ama a todos, que nos convida para a comunhão de seu Espírito e para aceitar a graça plena de seu filho Jesus Cristo. Em nossas relações com pessoas de outras crenças nos comprometemos a respeitar a humanidade delas, a servi-las e apresentar-lhes Jesus Cristo. Nossos encontros com estas pessoas foram através do diálogo. A palavra *diálogo* vem do grego e significa literalmente *através de palavra(s)* e para os cristãos a palavra grega *logos* é também a palavra usada no Evangelho de João por Jesus, a Palavra de Deus.

89. O propósito do diálogo não é compromisso, mas crescimento na verdade e compreensão da fé e tradição de cada um. O diálogo efetivo e com sentido somente acontecerá onde haja gentileza, honestidade e integridade. Diante disto, afirmamos que o Cristianismo precisa ser vivido e apresentado como "um modo e vida", em vez de um conjunto estático de crenças.

90. Talvez haja situações onde a palavra *conversa* seja mais apropriada que a palavra *diálogo*, e está claro que hospitalidade é um princípio chave para o diálogo. Como disse um bispo, "o negócio do diálogo pode fracassar, mas a hospitalidade não". Precisamos aprender o princípio Beneditino de hospitalidade, que é sobre as relações - criando espaço em nossos corações uns para com outros.

91. Honramos o especial relacionamento que temos, como cristãos, com a comunidade Judaica. Foi um prazer e uma honra para a Conferência, que o Rabino Sir Jonathan Sacks, Rabino Chefe das Congregações Hebraicas Unidas de Commonwealth, dirigiu-nos a palavra. Seu discurso mobilizou e desafiou-nos com uma apresentação sobre a compreensão bíblica do pacto, que permite ao povo de Deus enfrentar o futuro sem temor. Pacto, insistiu, é a redenção da solidão. Se pudermos honrar um pacto de destino comum, criamos espaço para Deus e para cada um de nós, e avançamos juntos em direção a um pacto de fé. Em um apelo final comovente, ele mencionou que a Comunhão Anglicana tem se mantido unida mais graciosamente que qualquer outra religião que ele conheça. Renovamos nosso compromisso para o contínuo diálogo e a genuína amizade com o Povo Judeu.

92. Diálogo e ação para a promoção do bem comum devem caminhar junto. Os bispos falaram dos desafios em comum que enfrentam a raça humana e o nosso povo, por exemplo, a pobreza, água, malária, HIV e AIDS, desastres. Enquanto nos comprometíamos com as questões levantadas, por exemplo, pelas Metas de Desenvolvimento do Milênio, ficou claro que devemos trabalhar junto com outras comunidades religiosas e pessoas de boa vontade.

93. Os contextos nos quais a Igreja ministra ao redor do mundo variam amplamente e o potencial para o diálogo inter-religioso também. Em algumas situações, cristãos são enfrentados com hostilidade e até perseguidos, e iniciar um diálogo com pessoas de outras crenças pode ser difícil e até perigoso, se não impossível. Reconhecemos que nossa Comunhão dividida está no momento prejudicando o diálogo e algumas vezes tornando-o impossível.

94. Instigamos as igrejas locais a contextualizar sua fé de forma que o cristianismo não seja mais visto como uma religião do ocidente, especialmente onde é minoria. Isto é particularmente importante sob a luz da "guerra do terror".

95. Há muitas instâncias onde os cristãos são minorias em nosso mundo e outras religiões estão crescendo. Nestes contextos pode haver discriminação ativa contra os cristãos. Nestes lugares onde a Igreja está sob pressão ou enfrentando situações de conflito, o apoio e encorajamento de toda a Comunhão serão de real importância. Onde os cristãos são majorias, outras religiões podem experimentar formas similares de pressão ou discriminação e a Igreja, como sempre, deveria estar ciente e oferecer suporte as minorias que sofrem abusos de direitos humanos. Reconhecemos que o direito humano dos indivíduos de converter-se de uma religião a outra.

96. Há situações, especialmente em sociedades seculares, onde a fé é considerada apenas como um aspecto da cultura. A fé cristã sempre necessitará contestar esta forma de compreensão.

97. Há uma necessidade de educação para ajudar todos os batizados a entender e envolver-se com pessoas de outras crenças. Para promover esta idéia, necessitamos que a compreensão inter-religiosa seja parte da formação teológica.

98. Reconhecemos que há algumas situações nas quais o envolvimento com e a compreensão de religiões tradicionais é parte de nossa responsabilidade. Além disso, o crescimento de Movimentos Religiosos Novos, deve ser abordado por meio de estruturas apropriadas.

Iniciativas

NIFCON é a Rede para Interesses Inter-Religiosos da Comunhão Anglicana. Estabelecido em 1994 está agora associado ao trabalho do Escritório da Comunhão Anglicana através do Departamento de Estudos Teológicos. NIFCON poderia ser incentivado a facilitar a troca de histórias e boas práticas, e tornar mais conhecidas suas diretrizes de melhores práticas.

Referências

Amor Generoso: O relatório "*Generous Love: the truth of the Gospel and the call to dialogue (an Anglican theology of inter faith relations)*" (Amor Generoso: a verdade do Evangelho e o chamado para o diálogo (uma teologia Anglicana de relações inter-religiosas), foi oferecido pelo NIFCON, a Rede para Interesses Inter-Religiosos da Comunhão Anglicana, e usado como um recurso para a sessão Indaba "Interagindo com pessoas de outras Religiões". O documento foi bem recebido e recomendado para estudo na Comunhão Anglicana. <http://nifcon.anglicancommunion.org/Referências/documents/index.cfm>

Uma Palavra em Comum para o Bem Comum: *a carta do Arcebispo de Canterbury aos signatários do "Uma Palavra Comum entre nós e vocês", uma carta aberta dos líderes e eruditos religiosos Muçulmanos.*

http://www.archbishopofcanterbury.org/media/word/2/j/A_Common_Word_for_the_Common_Good.doc

Fortalecimento da Identidade Anglicana

99. À luz desta grande vocação, temos que nos perguntar qual é a contribuição marcante da vida da Comunhão Anglicana para a Missão de Deus, e para a proclamação do Evangelho. Qual é a visão marcante da fé Cristã, incorporada na história e herança das Igrejas Anglicanas, que pode ser oferecidos as nossas irmãs e irmãos em Cristo, para o mundo a serviço do discipulado cristão e na cura do mundo? Como bispos da Comunhão Anglicana, reconhecemos e fomentamos quatro campos específicos para nossa vida em Comunhão: somos formados pela escritura, moldados pela liturgia, ordenados pela Comunhão, dirigidos pela missão de Deus. Estes quatro tópicos nos chamam a enriquecer nossa vida em comunhão, e exige que abordemos honesta e francamente as tensões em curso na Comunhão Anglicana. Explorando a identidade anglicana, abordamos diretamente as tensões referentes à sexualidade humana, e a forma que entendemos a autoridade da escritura em nossa vida. Finalmente, consideramos o trecho das recomendações do Relatório Windsor 2004 em nossas vidas, e abordamos a proposta de um Pacto Anglicano.

Parágrafo G: Bispos Anglicanos, Identidade Anglicana

Formados pela Escritura

100. Como anglicanos reconhecemos a alegria de interagirmos com as escrituras, estabelecendo a autêntica proclamação da Palavra de Deus. Estamos atentos à escritura em nosso louvor, oração e estudo, buscando a orientação do Espírito Santo para que a escritura possa formar-nos e moldar

nosso louvor, nossa doutrina e nossa vida comunitária. Acreditamos que as escrituras são as bases e as lomos fundados na razão e tradição, considerando nosso contexto cultural. Valorizamos o lugar do estudo bíblico como uma ferramenta crítica, reconhecendo, no entanto, que isto induz as divergentes interpretações através de nossos muitos e variados contextos, e ao escutar nossas igrejas irmãs como elas interpretam as mesmas escrituras. A questão abrangente com a qual lutamos em relação às escrituras é a interpretação da Bíblia em nossa vida diária. (veja abaixo)

Moldados pelo Louvor

101. O louvor cristão implica encontrar o mistério de Deus em nosso Senhor Jesus Cristo e participar na vida da Trindade. Encantamos-nos em encontrar Cristo na palavra e sacramento. Os Sacramentos do Batismo, pelo qual somos incorporados em Cristo, e a Eucaristia, onde somos nutridos pelo seu corpo e sangue, nos mantêm em unidade.

O enfoque anglicano ao louvor dá um grande valor à estrutura, a oração e um lecionário em comum, compartilhando as escrituras, através da Comunhão, e ao mesmo tempo estimulando a liberdade local e a inculturação. Estamos comprometidos a orar uns pelos outros e queremos aprofundar este companheirismo de oração e intercessão. Como anglicanos, reconhecemos a relação entre liturgia e doutrina - o louvor molda a crença, e entre louvor e missão - louvor dá energia à missão. Precisamos ser lembrados especialmente de nosso contexto evangelístico e buscar um louvor que se envolva com culturas jovens e com crianças.

Ordenados para Comunhão

102. Fomos trazidos pelo trabalho redentor do Cristo para uma Comunhão próspera com Deus e com todo povo cristão em nosso batismo. Esta Comunhão, que reflete a vida da Santíssima Trindade, é um dom de Deus para a Igreja, que nossas estruturas humanas apenas refletem e sustentam inadequadamente. A Comunhão Anglicana compartilha uma história particular dentro de uma Igreja una, santa, católica e apostólica, e esta história nos conduz a um relacionamento uns com os outros. Tal Comunhão é vital para nossa vida em comum. Alguns de nossos bispos, por exemplo, vem de países ou situações onde há uma forte perseguição; nestes casos, a Comunhão pode oferecer um inestimável apoio e solidariedade. Herdamos e mantivemo-nos firmes ao modelo ministerial de bispo, presbítero e diácono, que garante nossa continuidade histórica e nos une às muitas igrejas que mantêm esta ordem. Há uma forte opinião de que uma parte importante do aprofundamento de nossa Comunhão está: a) no desenvolvimento de relacionamentos entre as pessoas, b) no companheirismo de dioceses e c) na recuperação de nosso sentido de pertencimento e afeto mútuo. Ao mesmo tempo reconhecemos que a variedade de formas em que as Províncias estão organizadas - as diferentes políticas das nossas igrejas - pode gerar desentendimentos e confusões que precisam ser entendidos e abordados. Necessitamos reconhecer que o todo é mais que a soma das partes e que cada parte da Comunhão, quando atua, deve fazê-lo no conhecimento do que isto significa para o todo.

Dirigidos pela Missão de Deus

103. É a missão de Deus na qual compartilhamos, participando com Ele no preparo de discípulos. A missão é a total ação de Deus em Cristo pelo poder do Espírito Santo - criando, redimindo, santificando - para o bem de todo o mundo. O evangelho é o sangue vital da Igreja e o evangelismo é o processo pelo qual as pessoas são conduzidas para serem fortalecidas na missão de Deus. Especificamos acima a imensidade de desafios na proclamação do evangelho na realidade do mundo moderno. Nós, anglicanos, devemos ser líderes nesta proclamação. Acreditamos que o serviço amoroso, o testemunho profético e o evangelismo respeitoso que fala da singularidade de Cristo, andam juntos.

O Serviço que oferecemos como bispos

104. Os bispos na Comunhão Anglicana servem em uma variedade de contextos, mas nosso ministério fundamental é comum a todos nós[25]. Com todos os batizados, e com nossos

companheiros presbíteros e diáconos, somos chamados a ser povo de oração, discípulos de Jesus Cristo, servos do povo de Deus e líderes em missão. As características do ministério episcopal incluem:

- Reunir toda a comunidade em celebração, presidindo a celebração dos sacramentos e ordenando novos presbíteros e diáconos;
- Proclamar a Palavra de Deus como um testemunho apostólico da morte e ressurreição de Jesus Cristo;
- Ser um mestre, guardião e intérprete da fé e da tradição apostólica;
- Ser ativo em fazer e incentivar discípulos;
- Ser um pastor de todo o povo de Deus, com especial preocupação aos cleros das dioceses;
- Ser uma voz profética para os que não tem voz.

Como bispos, estamos comprometidos com a vida da Igreja, em toda a extensão das comunidades nas quais ministramos e na sociedade civil. Reconhecemos que somos chamados a ser construtores de pontes, reconciliadores e símbolos de unidade, representando o local ao universal e o universal ao local, tomando nosso lugar dentro do colégio de bispos mundial através da Comunhão e da Igreja una de Cristo.

Referências

A estrutura do Parágrafo de "Reflexões" (Formada pela Escritura; Moldado pelo Louvor; Ordenado para Comunhão; Dirigido pela Missão de Deus) foi tirado do documento *The Anglican Way: Signposts on a Common Journey* (A maneira Anglicana: Sinalizações de uma Jornada em Comum) produzido pela TEAC (Grupo de Trabalho dos Primazes na Educação Teológica na Comunhão Anglicana) e está disponível no <http://www.anglicancommunion.org/ministry/theological/signposts/>

Folhetos em curso e desenvolvimento da 'Signposts series' (séries Sinalizações) explorando aspectos da declaração *The Anglican Way: Signposts on a Common Journey* mais detalhada estão disponíveis no Escritório da Comunhão Anglicana.

A "Grade dos Bispos" produzido pela TEAC e publicado no *Lambeth Reader* expõe competências formadoras do ministério episcopal.

<http://www.anglicancommunion.org/ministry/theological/teac/grids/BishopsGrid110406.pdf>

Communion, Conflict and Hope (Comunhão, Conflito e Esperança): Relatório Kuala Lumpur de Comissão Doutrinal Teológica Inter-Anglicana

http://www.anglicancommunion.org/ministry/theological/iatdc/docs/communion_conflict_&_hope.pdf

Three papers on Episcopacy (Três papéis no Episcopado): Referências para a Conferência de Lambeth, publicado no *Lambeth Reader*. Estes três papéis, da Comissão Doutrinal Teológica Inter-Anglicana, em diálogo com a Comissão Permanente Inter-Anglicana para Relações Ecumênicas, aborda questões da política Anglicana e ministério episcopal.

Parágrafo H: Sexualidade humana

105. O objetivo deste parágrafo é tratar das tensões que surgiram na nossa vida em comum. Deveria ter se intitulado "O Bispo e a homossexualidade" porque essas discussões foram o foco deste tema nos grupos Indaba. As Sessões de livre escolha (*Self-Select Sessions*) que se identificaram com a sexualidade humana incluíram as de Sexualidade Humana e o Testemunho das Escrituras, O Escutar e a Missão; A Comunhão Anglicana e a Homossexualidade; A Prática de Escutar; A Sexualidade e a Espiritualidade; Questões de Ciência; A Cultura e Cristo; A Cultura e as

Homossexualidades; O Escutar da Experiência das Pessoas Homossexuais.

106. Diante da questão da ordenação feminina, a terceira reunião do Conselho Consultivo Anglicano em 1976 abordou a Comunhão da seguinte forma: “Como no primeiro século, é natural que o Espírito Santo nos insta a escutar uns aos outros, a declarar com franqueza novas idéias e perspectivas e a aceitar as implicações do Evangelho que são novas para nós, sejam dolorosas ou revigorantes.” [26] A Resolução 1. 10 de Lambeth 1998, embora tenha reiterado claramente a posição tradicional da Igreja, também pediu que escutássemos com sensibilidade. Os grupos Indaba e de estudos bíblicos nos deram a oportunidade de nos reunir em um espírito de generosidade e humildade contemplativa, o que nos ajudou a escutar com paciência uns aos outros e a falar honestamente.

107. Os cristãos são chamados a exercer juízo e discernimento na sua vocação e discipulado e a abraçar esse discipulado com humildade e generosidade. O próprio Senhor nos advertiu a evitar a tendência a julgar os outros [27]. É importante, portanto, tomar cuidado para não emitir juízos repudiadores, porque as pessoas chegaram às suas decisões depois de oração e estudo cuidadoso da Bíblia. Tampouco há monopólio sobre a caridade cristã: aqueles que assumam posições diferentes sobre esta questão muitas vezes foram portadores de cuidado pastoral compassivo a pessoas homossexuais, embora devamos confessar alguns fracassos neste sentido. Nossa formação, contextos e experiências são diferentes. Como bispos, precisamos nos arrepender das maneiras em que nossa dureza de coração possa ter contribuído à quebra da nossa Comunhão neste momento. Precisamos nos arrepender das declarações e das ações que tornaram a ofender a dignidade das pessoas homossexuais. As pessoas com opiniões tradicionais sobre este assunto possivelmente se sentiram ignoradas, ridicularizadas ou desdenhadas em algumas ocasiões.

108. Houve declarações repetidas do desejo de permanecer na Comunhão e de tentar manter um espaço generoso para conversas contínuas. Embora tenha havido grande apreciação por conversas particulares um a um, é preciso desenvolver mais confiança nas relações que começaram aqui. Além das manifestações anteriores de arrependimento, tanto da Câmara dos Bispos como da Convenção Geral (*sínodo*) da Igreja Episcopal (dos EUA) [28], nos grupos alguns bispos da Igreja Episcopal se desculparam, comentando que antes não tinham percebido a profundidade do impacto negativo que sua participação na consagração de um bispo vivendo em união com uma pessoa do mesmo sexo tinha causado em muitas partes da Comunhão.

109. Havia várias referências à Resolução 1. 10 de Lambeth 1998, embora às vezes parecesse que se referia somente a um Parágrafo dela e não ao relatório inteiro sobre a Sexualidade Humana da Conferência de Lambeth de 1998 nem à Resolução como um todo.

110. Há confusão sobre o que a “questão” realmente significa. São três o aspectos que ajudariam a esclarecer o debate:

- A forma em que a igreja evangeliza, forma discípulos e fornece cuidados pastorais às pessoas homossexuais;
- A forma em que a igreja admite as pessoas às Sagradas Ordens e os parâmetros para tanto;
- A forma em que a igreja lida local e globalmente com os primeiros dois aspectos.

111. O assunto das relações homossexuais é tão sensível justamente porque entra em conflito com a larga tradição de ensinamento moral cristão. Para algumas pessoas o novo ensinamento não é aceitável com fundamento na Bíblia, porque consideram toda atividade homossexual intrinsecamente pecaminosa. A tensão surge quando aqueles que acreditam no ensinamento tradicional enfrentam mudanças na vida ou nos ensinamentos da Igreja sem poder compreender ou compartilhar da apresentação do novo entendimento das Escrituras e da teologia pastoral.

112. A questão toda das relações homossexuais é muito sensível também porque há afirmações e rejeições muito fortes em diferentes culturas em todo o mundo que se refletem em disposições contrastantes da legislação civil, que variam de disposições legais para casamento entre pessoas do mesmo sexo à ações penais contra os homossexuais. Em algumas partes da Comunhão as relações

homossexuais são tabus, mas em outras se tornaram uma questão de direitos humanos.

113. No tocante ao bispo em missão, há concordância no sentido de que a sagração de um bispo vivendo em união com uma pessoa do mesmo sexo comprometeu a missão em muitas partes da Comunhão e teve reflexos profundos tendentes a causar rupturas na Comunhão ao desviar de outros aspectos de missão. Há uma preocupação de que isso não seja apenas um ato isolado, mas que possa acontecer de novo e comprometer a missão ainda mais.

114. Para algumas pessoas, a interpretação dada pela Comunhão ao assunto da poligamia complicou o assunto. A poligamia faz parte da história do passado e do presente em algumas Províncias da Comunhão. Em outras partes da Comunhão, é inaceitável. A Comunhão deixou um espaço para que as Províncias pudessem tratar da questão em nível local. Isso foi feito: há regras claras e atendimento pastoral. Para algumas pessoas, a questão é: porque não podemos deixar o mesmo espaço em relação à homossexualidade? No caso da poligamia, há um padrão universal: entende-se que é pecado, então os polígamos não são admitidos às posições de liderança, inclusive as Sagradas Ordens, nem poderá um convertido — depois de aceitar o Evangelho — tomar outra esposa, nem — em algumas regiões — são admitidos à Santa Comunhão.

115. Muitos são os aspectos da história deste assunto que nos trouxeram até aqui. Em algumas partes da Comunhão, a questão da homossexualidade está sendo discutida já faz 30 anos, mas em outras a conversa é mais recente. Em ainda outros lugares, há motivos de direito ou de cultura que limitam o diálogo. Em algumas Províncias, a aceitação da prática homossexual seria vista como uma negação dos ensinamentos dos missionários que lhes trouxeram a fé e vivenciada como uma nova forma de colonialismo. Nos tempos do cristianismo, ou até a tradição Anglicana, não houve tempo suficiente para permitir aos bispos da Comunhão a chegar a um novo consenso entre Províncias ou pelo mundo: o de concordar uns com os outros, ou o de viver juntos na discórdia.

116. A questão da homossexualidade nos apresentou o desafio de indagar o que significa ser uma Comunhão. Ainda estamos aprendendo a ser a Comunhão que Deus nos chamou a ser, segundo os dons que nos deu.

117. Para muito anglicanos, sagrar um bispo vivendo em uma união civil com uma pessoa do mesmo sexo é questionar a autoridade das Escrituras e a leitura tradicional da Igreja sobre estes assuntos. Questiona os ensinamentos tradicionais sobre a moralidade e a natureza do casamento. Para muitas pessoas, a pergunta que devemos fazer é esta: “Se é a Bíblia que transforma a cultura, ou a cultura que está autorizada a transformar a Bíblia?”

118. A sagração de um bispo vivendo em uma união com uma pessoa do mesmo gênero e a bênção pública de relações entre pessoas do mesmo sexo teve muitos reflexos negativos, inclusive:

- A parceria em missão se perde e se danifica, enquanto somos desviados do nosso foco principal. Em alguns lugares, a igreja é ridicularizada e chamada de “igreja dos gays”, então saem membros. Em algumas regiões, a questão virou uma prova de ortodoxia e fundamento para ações hostis.
- As relações ecumênicas e inter-religiosas sofreram prejuízos. Alguns participantes ecumênicos presentes enfatizaram este aspecto.
- Os bispos não podem ser símbolo da unidade quando sua própria sagração divide a igreja. O foco único da Comunhão na catolicidade se perde. A confiança na validade da Comunhão Anglicana, os vínculos de afeto, e nossa interdependência mútua sofreram graves danos.
- É uma desonra para as decisões de Conferências anteriores de Lambeth.

119. Também houve relatos de reflexos positivos em partes do Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, México, América Central, e outras partes do mundo onde as pessoas homossexuais são aceitas como filhos de Deus, são tratadas com dignidade, e optam por entregar suas vidas a Cristo e por viver na comunidade de fé como discípulos de Jesus Cristo com fidelidade e compromisso.

Possíveis Caminhos pela Frente

120. Há visões concorrentes sobre o tratamento mais responsável que a Comunhão deveria dar à nossa situação atual.

- “Se o olho direito leva você a pecar, arranque-o e jogue-o fora!” [29] – ação decisiva.
- “Deixe Deus ser Deus” – deixar que Deus transforme nossas atitudes e condutas enquanto buscamos interiormente maiores respostas.
- “Se [o projeto deles] vem de Deus, vocês não conseguirão aniquilá-los.” [30] - O conselho de Gamaliefs é apropriado aqui, então esperem.
- Algumas pessoas estão buscando uma direção clara da Comunhão, e desta Conferência na forma de uma carta ou diretiva pastoral.
- É preciso “escutar” mais para não dizer “eu ganhei, você perdeu” mas sim, “ninguém ganha, ninguém perde”, e assim crescemos juntos em Cristo.
- A continuação do diálogo é, por si só, um “testemunho cristão”. A Comunhão precisa de uma “paciência católica”.
- Devemos nos empenhar todos para estudar as Escrituras, a teologia, a doutrina e outras disciplinas, como, por exemplo, a antropologia teológica, com mais cuidado, e por meio de uma comissão formal reconhecida em toda a Comunhão. Isso daria aos bispos subsídios para a docência por eles aplicada.
- Damos cuidados pastorais, mas não canonizar, regularizar, legalizar, ou homologar os relacionamentos homossexuais.
- A intervenção entre províncias e dioceses deve cessar, para criar tempo e espaço para o Espírito de Deus “nos levar a toda a verdade”. As perspectivas dos bispos e das dioceses devem ser ouvidas e respeitadas.
- A instauração de ações perante os tribunais deve ser evitada, se de todo possível.
- Reafirmar a autoridade moral da totalidade da Resolução 1:10 do Lambeth 1998, e o relatório que comenda, e continuar a sua implementação, mas não o estilo do debate que lhe deu origem. Reconhecer que houve progresso significativo em relação à resolução, como, por exemplo, a elaboração de procedimentos para ouvir os outros, e o estreitamento caloroso de relações entre bispos e dioceses.
- Declarar uma “Década de Partilha e Generosidade” e continuar em frente, conversando e escutando uns aos outros.

Referências

The Comunhão Anglicana and Homosexuality – Uma obra para possibilitar o ouvir e o diálogo, editada por Philip Groves; impressa pela SPCK, 2008.

Obras sobre sexualidade e o Processo de Escutar, juntamente com material das Províncias, estão disponíveis pelo Site da Comunhão Anglicana. <http://www.anglicancommunion.org/listening>

Sobre a criação de um espaço seguro para escutar, visite: www.dontthrowstones.info

O texto de Lambeth I. 10 se encontra em:

<http://www.lambethconference.org/resolutions/1998/1998-1-10.cfm>

O relatório de Parágrafo 1 da Conferência de Lambeth de 1998 sobre a Sexualidade Humana foi publicado no Relatório Oficial da Conferência de Lambeth 1998, Morehouse, 1999, págs. 93/94

Declaração da Câmara dos Bispos da Igreja Episcopal (EUA) se encontra em: <http://www.anglicancommunion.org/acns/news.cfm/2007/9/26/ACNS4322>

As resoluções da Convenção Geral (sínodo) de 2006 estão em: http://gc2006.org/legislation/view_leg_detail.aspx?id=201&type=CURRENT

Parágrafo I: As Escrituras

121. A disputa no que diz respeito à sexualidade deixa transparecer um mal-estar mais profundo sobre a aceitação da autoridade das Escrituras. É portanto, de bom alvitre explorarmos a natureza de nosso entendimento das Escrituras na vida da Igreja.

122. Jesus Cristo é a Palavra de Deus, a verdadeira luz que ilumina a todos, encarnado na forma humana, pleno de graça e verdade, de antes dos tempos e para sempre[31].

123. A primeira e eterna Palavra de Deus para nós é Jesus. Por causa disso, nossa leitura e interpretação das Escrituras do Velho e Novo Testamento estão claramente arraigadas em Cristo na Encarnação. São João Evangelista anuncia que “estas coisas foram escritas para que vocês pudessem crer que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e que pela sua fé pudessem ter vida em seu nome.”[32] Proclamamos Jesus como Salvador do mundo e Senhor da Igreja. Jesus Cristo, crucificado, ressurreto, elevado, e vindouro, é aquele sagrado proveniente de Deus por quem o significado das Escrituras nos é revelado pelo Espírito Santo.

124. Na tradição Anglicana, as Sagradas Escrituras ocupam um lugar central na nossa vida em comum como serventes na missão de Deus. Da mesma forma, as Escrituras canônicas dos Velho e Novo Testamento são as fontes primárias para subsidiar o ministério apostólico de nós bispos. De fato, os bispos da nossa Comunhão, quando da sua ordenação e sagração ao episcopado, afirmam para seus ministérios e em suas próprias vidas que crêem que as Sagradas Escrituras do Velho e do Novo Testamento são a Palavra de Deus e contêm todas as coisas necessárias para a salvação. Esta afirmação da autoridade das Sagradas Escrituras em nossa vida em comum é compartilhada pela Comunhão, através dos vários livros de oração, cânones, e documentos oficiais de nossa tradição, e estabelecido no fundo de nosso coração de nossa vocação como bispos da Igreja. Está claro para nós que as Sagradas Escrituras não nos pertencem somente e que a plenitude da revelação da verdade de Deus em Jesus Cristo é um tesouro dado por Deus que pertence à toda Igreja Católica. Juntos com a Igreja universal, somos submetidos pela guarda dos textos sagrados dados para nosso cuidado e procuramos honrar esta responsabilidade de viver na obediência, humildade e alegria da Palavra de Deus.

125. Para os anglicanos, os Credos Apostólico e Niceno são entendidos como declarações fiéis e suficientes da essência do testemunho bíblico revelado pelo poder do Espírito Santo para nós e para toda igreja em cada geração. Reconhecemos a plena credibilidade dos textos das Escrituras canônicas nos dada por Deus, e buscamos proclamar novamente com clareza e poder a revelação plena de Deus em Jesus Cristo. Deste forte sentido de credibilidade bíblica, a Igreja deriva normas de vida moral e ética que devem ser honradas por todo o corpo de Cristo; ao mesmo tempo descobrimos meios bíblicamente fiéis de responder pastoralmente àqueles que são incapazes de observar estas normas. Quando desacordos sérios surgem entre nós sobre normas morais e éticas somos chamados para intensificar nossos esforços para descobrir a Palavra de Deus através do contínuo discernimento espiritual. Regozijamo-nos nas Escrituras Sagradas como um presente de Deus à toda igreja para o ensinamento, orientação, admoção e cuidado pastoral.

126. Na tradição do livro de oração anglicano, a seguinte coleta, composta pelo Arcebispo Cranmer, estabelece um marco adequado para nosso entendimento das Sagradas Escrituras em nossas vidas como bispos e na vida de todo o fiel povo de Deus.

Bendito Senhor, que fizeste com que a tua Santa Palavra se escrevesse para nossa instrução; Permite que a possamos de tal modo ouvir, ler, ponderar, aprender, e assimilar interiormente, que pela paciência e consolação das Santas Escrituras, mantenhamos inabalável a bem aventurada esperança da vida eterna, que tu nos tens dado em nosso Salvador Jesus Cristo. Amém.

127. Orando esta coleta faz nos lembrar que uma aproximação anglicana da Escritura honra os textos sagrados como inspirados e revelados por Deus, enquanto nos convida a usar os recursos do intelecto humano para interpretar e aplicar estes textos para fazer-nos discípulos fiéis e para aprofundamento das vidas sagradas dignas do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Utilizando

os dons que Deus nos deu, a razão e tradição como recursos para a interpretação das Escrituras permita a maior exploração possível de toda a vontade de Deus^[33] e traga a mente a insondável profundidade e riqueza dos caminhos de Deus. ^[34] A interpretação bíblica é o trabalho de reverente investigação que trata as Sagradas Escrituras em um espírito de admiração e assombro já que os escritos sagrados são diferentes de qualquer outro texto.

128. Na história da tradição anglicana, a erudição bíblica e a teologia exegética tem tido um lugar de honra. Alegamos que muitos eruditos da Bíblia, do passado e do presente, foram anglicanos e nossa Igreja e seu ministério tem sido imensuravelmente enriquecidos por sua fidelidade. Esta erudição, entretanto, não acontece isolada da comunidade ecumênica de teólogos bíblicos. Também notamos a importância de escutar novamente as vozes dos pregadores e mestres através dos séculos, na medida em que buscaram dizer palavras de vida em seus próprios tempos e lugares. Somos gratos a Deus pela forte contribuição feita para nossa própria compreensão da Palavra de Deus pelos eruditos e mestres de outras tradições do passado e do presente.

129. Os eruditos bíblicos possuem uma variedade de ferramentas exegéticas para uso próprio e empregam muitos métodos diferentes de exposição e interpretação bíblica. Quando usados com discernimento e sob a orientação do Espírito Santo, estas ferramentas e métodos podem auxiliar-nos a desvendar as Sagradas Escrituras e enriquecer nosso entendimento da Palavra de Deus. Como bispos da Igreja, recomendamos o uso da fiel erudição bíblica pelo nosso clero e pelo povo, na plena confiança de que há ainda mais luz e verdade na Palavra de Deus.

130. Além disso, para os meios mais formais de erudição bíblica, nossa tradição faz uso de várias disciplinas espirituais e métodos práticos que valorizam nossa escuta das Escrituras. Por exemplo, alguns anglicanos lêem as Escrituras para discernir uma regra de vida para eles mesmos e para sua comunidade. Outros encontram a prática da oração com as Escrituras e usam os dons de nossas tradições monásticas como vias especialmente poderosas para ouvir a Palavra de Deus. Outros ainda, encontram na disciplina do ofício diário um meio de se envolver com toda a Escritura. Como bispos da Comunhão recomendamos ao nosso povo cada oportunidade possível de encontrar Deus na palavra viva da Escritura Sagrada, seja lendo e estudando para devoção pessoal, reunidos com outros para estudos bíblicos e conversas sagradas, ou estudando mais formalmente sob o cuidado de um pastor ou professor, e no louvor.

131. O louvor e a oração em comum são centrais em nossa identidade Anglicana. Consequentemente a leitura litúrgica da Escritura e o ministério da pregação são aspectos primários de como escutamos e ouvimos a Palavra de Deus. Os pregadores são chamados a explicar todo conselho de Deus e especialmente na Eucaristia, apontando ao povo de Deus a salvação através da morte e ressurreição de Jesus Cristo, e mantendo-o elevado como Deus encarnado, crucificado, ressurreto, ascendido, e retornando novamente em glória.

132. Somos gratos aos vários lecionários adotados pelas Províncias de nossa Comunhão. O uso de lecionários para os Ofícios Diários e a Santa Eucaristia valoriza muito a amplitude de nossa escuta da Escritura e provê uma boa disciplina para aqueles entre nós que são chamados a pregar.

133. Estamos conscientes de que o povo de Deus escuta a Jesus, a Palavra de Deus encarnada, e a pregação vital das Escrituras Sagradas, dentro dos vários contextos de suas vidas. Acima afirmamos a confiabilidade da Palavra de Deus, e aqui sabemos que o contexto no qual um busca escutar molda, pelo menos em parte, como ele ouve. Através de nossa Comunhão contamos as boas novas de Jesus em várias culturas, em várias línguas, e diante de diferentes realidades políticas, econômicas e sociais. É sempre nosso desejo proclamar a autêntica Palavra de Deus para todos, mas sabemos que nosso povo escuta as Escrituras Sagradas condicionados pelas necessidades e paixões de suas situações locais. Sabemos, por exemplo, que comunidade que enfrentaram desastres naturais ou injustiças sistêmica ouvirão a Palavra de Deus com diferentes ouvidos que outros que estão longe destas realidades. Notamos que a particularidade da estratégia de missão de um lugar para outro ou as difíceis realidades pastorais podem ter impacto sobre como as Sagradas Escrituras são ouvidas. Temos claro que a Palavra de Deus não muda de um lugar para outro e que

sua luz e verdade se aplicam através de todo o mundo de Deus. Ao mesmo tempo, sabemos que nossa habilidade de ouvir a Palavra de Deus é profundamente afetada pelo contexto no qual a ouvimos.

134. A Palavra Vivente de Deus, encarnada em Jesus de Nazaré e revelada na Sagrada Escritura, nos desafia e nos transforma por meios que podem ser plenos de alegria e em outros momentos um tanto perturbador. Mesmo que nossos contextos influam na nossa interpretação da Sagrada Escritura, afirmamos que a Escritura também se dirige a nossos contextos com juízo e consolação, com convicção e com graça. A Palavra de Deus tem tido sempre um lugar fundamental e apreciado nas Igrejas da Comunhão Anglicana. E assim seja para sempre.

135. Enquanto enfrentamos os desafios de nosso tempo, as Sagradas Escrituras continuará a ser para nós um trampolim para a missão - que o mundo possa ter vida em toda sua plenitude. [35]

Parágrafo J: O Pacto anglicano (Minuta de Santo André)

136. **Descrições Positivas.** Houve muitas respostas positivas a idéia de um Pacto. Reconhecemos que qualquer possível Pacto terá suas bases no pacto de Deus para conosco. Ele projetará realidades horizontais e verticais, refletindo o sinal da cruz. Ele é a imagem do pacto profundo e fiel de Cristo feito no Batismo e revelado na Eucaristia, é portanto, Cristocêntrico.

137. O pacto poderia prover uma continuidade histórica com o passado, criatividade no presente e guiar-nos para o futuro. Poderia prover uma estrutura dentro da qual podemos explorar os relacionamentos, deleitando na unidade e diversidade, invés de impor uniformidade e conformidade. Deveria ajudar a afirmar nossa vida e cuidados comuns, em vez de restringir a vida nas igrejas. Um pacto poderia ajudar a curar as feridas atuais e prevenir novas.

138. O relacionamento deve ser preeminente dentro do pacto, criando mutualidade, cuidado e responsabilidade, oferecendo assim um vínculo de adesão voluntário. Reconhecemos que um pacto poderia ser custoso e auto-limitante, no entanto poderia fortalecer os laços de amor entre nós. Como tal, poderia dar-nos uma forma sacrificial para seguir em frente, para o bem do outro, que seria doador de vida. Convidando-nos a ser generosos uns com os outros.

139. Um Pacto poderia trazer de volta mais dioceses para o diálogo dentro da Comunhão. Qualquer possível Pacto poderia ajudar pequenas comunidades demonstrar o poder de um corpo amplo e mundial, que poderia ajudar no relacionamento com o governo. Um Pacto poderia ser uma estrutura para fazer incursões desnecessárias, mas sem um Pacto, nosso contínuo relacionamento com aqueles que escolheram não estar aqui nesta Conferência poderia estar ameaçado.

140. **Reservas e preocupações.** Houve um desejo generalizado de iniciar um Pacto, especialmente para ajudar-nos nesta crise atual, conscientes que é crítico para alguns ter algo positivo para reportar em seu retorno ao lar. Houve uma satisfação geral com a primeira metade do texto principal da Minuta de Santo André, mas houver verdadeiras preocupações com o Parágrafo 3 e maior preocupação com o apêndice.

Em particular:

- As bases bíblicas e teológicas do Pacto precisam ser esclarecidas e desenvolvidas de uma maneira mais profunda.
- O Pacto proposto é formulista mais que relacional, e poderia de tal modo, provar ser punitivo, restritivo e limitante, mais que facilitador de unidade.
- Os Instrumentos de Comunhão poderia tornar micro-administradores.
- Há a preocupação de que este processo do Pacto possa ser caro para ser implementado e a preocupação de quem pagaria por ele.
- Há a preocupação que a Província, em vez da diocese, possa tornar-se a Igreja local. Há também algumas incertezas de como as Províncias poderiam relacionar-se com a Comunhão.
- Nossa modalidade é historicamente o "bispo-em-sínodo" em vez de "episcopalmente

dirigida e sinódicamente governada".

- Uma lida ampla do texto, percebe-se um documento muito ocidental.
- A condição de Igrejas Unidas não é abordada.
- O que acontece se a Igreja da Inglaterra é a Igreja transgressora?
- O apêndice é especialmente visto como ultra detalhado e um instrumento de medidas punitivas.
- Corre-se o risco de estarmos simplesmente produzindo documentos excessivos e encobrindo os problemas, onde deveríamos resolvê-los em primeiro lugar.
- Os instrumentos da Comunhão precisam de tempo para desenvolver-se antes que possamos estar seguros que forma o Pacto poderia tomar.

141. **Sugestões.** O Pacto poderia ser um documento mais generoso, expresso como um convite. Poderia ser um instrumento de escuta, antes de mais nada. Precisamos fazer-nos responsáveis em dar atenção aos "laços" assim como a "afeição." Deveríamos perguntar "O que podemos fazer para a Comunhão?" não o contrário.

142. Há uma tensão entre querer tomar um tempo sobre o processo e a necessidade de urgência em reparar os pesares do tecido da Comunhão. "Estamos sendo um pouco apressados tentando curar-nos?" Entretanto, alguns bispos têm declarado a necessidade e regressar à seus lares com algum tipo de acordo.

143. Foram feitas uma série de sugestões práticas e detalhadas, que serão meditadas novamente pelo Grupo de Planejamento do Pacto.

- Uma Província poderia ser solicitada a abandonar após violar o Pacto para reparar a confiança.
- Com uma resposta imediata, deveríamos estabelecer um grupo de resposta pastoral, que poderia estar operando antes do Pacto, em vez de fazer revisão do apêndice.
- O documento necessita ter menos base na Igreja da Inglaterra, especialmente no que diz respeito aos formulários doutrinários.
- Podemos aprender sobre administração de conflitos ao redor do mundo, por exemplo a Comissão de Verdade e Reconciliação da África do Sul, a cultura de responsabilidade e moderação no Sudoeste da Ásia, unidade e diversidade na forma "Three Tikanga" de trabalhar em Aotearoa, Nova Zelândia e Polinésia e a preferência japonesa por uma via menos declarativa de resolver conflitos?
- "Melhor que um pacto seria uma teologia de suporte, onde poderíamos declarar-nos uns aos outros em Cristo". Deveríamos explorar um Pacto Missionário?
- Em vez de um Pacto, deveríamos explorar uma Regra de Vida Anglicana?
- Necessitamos uma Conferência de Lambeth mais curta a cada 5 anos?
- O Pacto poderia ser melhor nomeado de a)"aliança", b)"memorando de entendimento", ou c)"Acordo da Comunhão"?
- Há uma necessidade de uma melhor tradução da minuta de Santo André.

144. Há uma boa acolhida por parte de muitos à idéia do Pacto. Reconhecemos a urgente necessidade de encontrar uma forma viável de dar continuidade, especialmente para aqueles entre nós que vivem e ministram em situações hostis e minoritárias. Entretanto há um forte sentido que o apêndice poderia ser demasiado legalista e muito difícil de implementar. Sobretudo, houve uma preocupação em relação ao que se propõe no apêndice é demasiado punitivo. Pela experiência desta Conferência de Lambeth e a construção e aprofundamento dos relacionamentos, há um desejo de continuar explorando um Pacto juntos.

Parágrafo K: O Processo Windsor

A moratória

145. A moratória cobre três questões separadas porém relacionadas: ordenações ao episcopado de pessoas vivendo em uma união do mesmo sexo; a bênção de uniões do mesmo sexo; incursões

extra-jurisdicionais dos bispos. Há um apoio geral a moratória através da Comunhão, construindo sobre as que já estão sendo honradas. A moratória pode ser tomada como um sinal de afeição, verdade e boa vontade dos bispos para com o Arcebispo de Canterbury, e uns com os outros. A moratória será difícil ser mantida, embora haja um desejo de mantê-la pela maioria. Há questões a serem esclarecidas em relação a quanto tempo a moratória está planejada para servir. Talvez a moratória poderia ser vista como um "período de graciosa restrição". Em relação a moratória 2 (a bênção de uniões do mesmo sexo) existe o desejo de esclarecer precisamente o que está censurado. Muitas distinções entre ritos públicos autorizados, mais que apoio pastoral. Se o processo Windsor é para ser honrado, todas as três moratórias devem ser aplicadas consistentemente.

O Fórum Pastoral

146. Há um claro apoio majoritário para o Fórum Pastoral em paralelo às linhas defendidas pelo Grupo Windsor, e um desejo de vê-las em seu lugar rapidamente. Há acordo que deveria ser pastoral e não legal e deveria estar em condições de responder rapidamente. Também se afirmou que este processo deveria mover-se em direção a reconciliação. Há interesse sobre o mandato, pertencimento, processo de nomeação e autoridade. Alguns se perguntaram se o Fórum Pastoral poderia ter membros de fora da Comunhão. Muitos sentiram fortemente que o fórum poderia operar em uma Província apenas com o consentimento desta Província e em particular com o consentimento do Primaz ou do corpo apropriado. É essencial que esteja devidamente financiada e provida de recursos se há alguma chance de ser produtivo. Houve algum apoio por uma sugestão alternativa: nomear em qualquer disputa um Visitante Pastoral, trabalhando com um árbitro profissional e criar na Comunhão um "pool" destes visitantes.

Instrumentos de Comunhão

147. Os quatro "Instrumentos de Comunhão" são o Arcebispo de Canterbury, a Conferência de Lambeth, O Conselho Consultivo anglicano e a Reunião dos Primazes. Há uma necessidade de esclarecer o papel e função de cada um destes instrumentos e suas relações entre eles.

148. **Arcebispo de Canterbury.** Há honra e respeito pelo ofício do Arcebispo de Canterbury. Estando em Comunhão com a Sede de Canterbury é um dos elementos essenciais para pertencer à Comunhão Anglicana. Há uma necessidade de explorar o papel do Arcebispo na Comunhão e um desejo de não sobrecarregar mais o cargo, criando expectativas inapropriadas e intoleráveis. [36] Daríamos as boas vindas a mais visitas do Arcebispo ao redor da Comunhão no exercício de seu apostolado. Ao discutir o papel do Arcebispo, expressou-se grande afeição e amor pelo atual Arcebispo de Canterbury.

149. **A Conferência de Lambeth.** Houve um desejo que a Conferência de Lambeth pudesse acontecer mais frequentemente, por um período de tempo mais curto e uma sugestão especial de um encontro de dez dias a cada cinco anos. A razão desta necessidade de estar juntos novamente o quanto antes foi a continuação do processo Indaba. A Conferência de Lambeth precisa considerar a nomeação de um coletor de fundos para facilitar seu futuro bem estar. Houve apoio à visão de que um dos papéis da Conferência de Lambeth é de habilitar os bispos a exercer um ministério de ensinamento colegial. Também houve um apoio para promover mais associações diocesanas, para manter, entre conferências, as relações estabelecidas em Lambeth.

150. **Conselho Consultivo anglicano.** Há uma falta de conhecimento na Comunhão a respeito do Conselho e seus membros e, portanto, uma incerteza sobre seu papel. Alguns acreditam que exercem demasiada autoridade; outros gostariam de vê-los restituídos e outorgar-lhes mais. Uma sugestão foi a de um Conselho de dois níveis, com um nível de Primazes e outro de clérigos, e leigos com a inclusão de representantes jovens. Houve um desejo de valorizar a presença do clero e leigo na tomada de decisão no nível da Comunhão.

151. **Reunião de Primazes.** Há muito desconforto sobre o papel que a Reunião de Primazes vem exercendo. Muitos temem que esteja tentando exercer muita autoridade. Outros acreditam que os Primazes são os únicos que podem suportar o peso dos desafios atuais. Talvez o papel principal é o

de apoiar o Arcebispo de Canterbury. Os primazes não deveriam exercer coletivamente nenhuma autoridade além da que eles têm em suas Províncias.

Parágrafo L: Declarações de Solidariedade

153. “Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria[37]”. Posicionamo-nos em solidariedade para apoiar o povo de Deus através do mundo que confiou a si mesmo e suas preocupações à ampla família Anglicana, especialmente:

154. Condenamos a perseguição, tortura, encarceramento e assassinato de pessoas por causa de sua fé, qualquer que esta seja. Ficamos especialmente aflitos alguns atos são lavados a cabo por ou com a conivência da polícia, dos militares ou dos agentes do estado;

155. A Comunhão Anglicana apóia a reunificação da península da Coréia para estabelecer a paz permanente no nordeste da Ásia, e também colabora com o Para a Paz na Coréia (TOPIK) lançada em Novembro de 2007 para promover efetivamente o movimento. Ao mesmo tempo, a Comunhão Anglicana apóia ativamente a Nippon Sei Ko Kai (A Comunhão Anglicana no Japão), que está liderando um movimento de paz para proteger a Constituição de Paz que estabelece a paz no Nordeste da Ásia. (Constituição do Japão, Artigo 9: a renúncia do uso de força militar que o atual governo japonês está tentando remover).

156. Solidarizamo-nos com o povo indígena da Austrália, tanto os Aborígenes como os nativos das Ilhas do Estreito de Torres. Aplaudimos a desculpa feita pelo Primeiro Ministro Kevin Rudd às gerações roubadas e reconhecemos que a jornada pela reconciliação apenas começou, especialmente em relação às comunidades remotas de Aborígenes na Austrália;

157. Solidarizamo-nos com os seis milhões de pessoas famintas na Etiópia; com os cristãos na Somália que vivem diariamente com medo por suas vidas.

158. Escutamos estórias perturbadoras ao redor da África; conflito político no Zimbábue; condições desumanas no Sudão; violência xenófoba na África do Sul, e registramos nosso forte apoio aos bispos que estão trabalhando sob condições extremas e penosas. Clamamos ao Presidente Mugabe parar de importunar os bispos e os fiéis de nossa igreja. Em solidariedade com o continente africano clamamos por um acordo rápido e pacífico, que envolva a todos os partidos políticos em direção a um governo democrático.

159. Estamos com todos os que sofrem em conseqüência dos desastres naturais. Damos nosso apoio às pessoas de Míamar que sofrem com os efeitos do ciclone Nargis. Solidarizamo-nos com as vítimas do Furacão Katrina, em Nova Orleans e ao longo da Costa do Golfo de Mississipi, especialmente os pobres, as crianças e jovens; e com a Igreja de Louisiana em sua tentativa de promover uma Comissão de Verdade e Reconciliação apesar da difundida oposição.

160. Condenamos a situação na Índia e Solidarizamo-nos com os dalits que continuam a sofrer injustiças. Clamamos ao governo que exerçam autocontrole e ampliem sua prática democrática.

161. Imploramos por muito mais atenção para, e ação para os dois milhões de refugiados iraquianos fora de seu país, e os dois milhões de pessoas desalojadas neste país. Não se pode permitir que as igrejas antigas desta nação desapareçam. Estamos alarmados pela diminuição da presença de igrejas Cristãs no Líbano e Irã.

162. Continuamos honrando Jerusalém como possuidora de um lugar especial, como o "lar" de três grandes religiões do mundo: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Comprometemo-nos a continuar orando pelas terras de Israel/Palestina e todas as pessoas que lá vivem, especialmente por nossos irmãos e irmãs cristãos e seu testemunho de Cristo. Apoiamos as iniciativas inter-religiosas pela paz na Terra Santa.

Parágrafo M: Agradecimentos

161. A Conferência de Lambeth agradece a Deus pelo ministério de tantos cuja dedicação e serviço permitiram à Conferência realizar o trabalho da Igreja:

- Por nosso anfitrião o Reverendíssimo e Honorável Rowan Williams, Arcebispo de Canterbury; por sua confiante proclamação da Palavra; seu amor, visão e erudição e pela Dra. Jane Williams por sua acolhida, hospitalidade e liderança no Encontro de Cônjuges.
- Pela generosa acolhida e demonstração de amizade de todos os envolvidos no Programa de Hospitalidade da Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda, antes da Conferência.
- Pela Equipe de Capelania que nos apoiou em oração antes e durante a Conferência.
- Pela Equipe de Louvor, músicos e todos os envolvidos com os cultos no campus.
- Pela Equipe de Estudo Bíblico e Líderes que nos guiaram no estudo do Evangelho de São João.
- Pelo Deão e Capelão da Cathedral Church of Christ, Canterbury pela acolhida e hospitalidade durante a Conferência.
- Pelos animadores e relatores dos Grupos Indaba que facilitaram o trabalho da Conferência.
- Pela Equipe de Reflexões que recopilaram o trabalho dos Grupos Indaba.
- Pelos oradores de plenário, e aqueles que falaram guiaram ou facilitaram as Seções de Livre Escolha.
- Pelos Auxiliares que estavam dispostos a nos ajudar em cada aspecto da Conferência.
- Pelos Tradutores que fizeram um importante papel ajudando-nos a escutarmos uns aos outros.
- Pelas pessoas que prepararam a Conferência, do Escritório da Comunhão Anglicana, do Palácio de Lambeth e os voluntários de toda a Comunhão Anglicana.
- Pelos Voluntários da Diocese de Canterbury que nos auxiliaram de muitas formas.
- Pela Equipe de Comunicação que nos ajudaram a enviar nossa mensagem pelo mundo.
- Pelo Grupo de Implementação dos Cônjuges.
- Pelo Grupo de Planejamento da Conferência de Lambeth e a Equipe de pessoas que trabalharam com ele.

Conclusão

O Grupo de Reflexões oferece esta redação à Conferência, acreditando que o mesmo Deus que nos chama a estar juntos em Comunhão através de seu Filho Jesus Cristo e que começou esta boa obra em nós, e trará a sua plenitude no poder do Espírito Santo.

Membros dos Grupos de Reflexões	Grupo Indaba
Roger Herft	
Austrália	
Andrew Proud	A
Jerusalém & Oriente Médio	
Alan Abernethy	B
Irlanda	
Howard Gregory	C

Antilhas	
Sue Moxley	D
Canadá	
KG Daniel	E
Índia do Sul	
Peter Lee	F
África do Sul	
James Ochiel	G
Quênia	
Jo Seoka	H
África do Sul	
Ezekiel Kondo	I
Sudão	
Neil Alexander	J
Estados Unidos	
Roger Chung Po Chuen	K
Oceano Indico	
Gerry Wolf	L
Estados Unidos	
David Njovu	M
África Central	
Bill Godfrey	N
Cone Sul	
Michael Perham	O

Inglaterra	
Thomas Soo	P
Hong Kong	
Gregory K Cameron	
ACO (Recursos Humanos)	

[1] Efésios 1:3, 12-13

[2] Romanos 1. 7

[3] Carta Convite do Arcebispo de Canterbury, 22 de Maio de 2007.

[4] Um parágrafo completo de agradecimentos aparece no final deste documento.

[5] Gálatas 1.

[6] Filipenses 4. 6

[7] Uma lista dos membros dos Grupos de Reflexões aparece no final deste documento.

[8] Lucas 1: 51-53 (*Magnificat*)

[9] Tiago 5. 11

[10] Mateus 28. 19

[11] 2 Corinthians 5. 19

[12] 2 Timoteo 3:16

[13] Romanos 8. 22, Efésios 1. 10, Apocalipse 21

[14] Lucas 4:16-22; Isaías 35, 42, 56, 61; Micah 4, 6

[15] I Tessalonissenses 5:17

[16] 2 Coríntios 5:19; Romanos 5: 6-11

[17] 2 Coríntios 5:18-21

[18] João 17:20-23

[19] João 10:16

[20] Resolução IV:1, Conferência de Lambeth 1998.

[21] João 17

[22] Papa João Paulo II

[23] <http://www.globalchristianforum.org/>

- [24] Efésios 4:5
- [25] 1 Timóteo 3. 1
- [26] ACC-3, página 55.
- [27] Mateus 7:1-5
- [28] Veja caixa abaixo
- [29] Mateus 5:29 (Bíblia Pastoral, Paulus)
- [30] Atos 5. 38, 39
- [31] João 1:1-18
- [32] João 20: 31
- [33] Atos 20:27
- [34] Romanos 11:33
- [35] João 10:10
- [36] Ver o Relatório Hurd 2002
- [37] 1 Corintios 12. 26